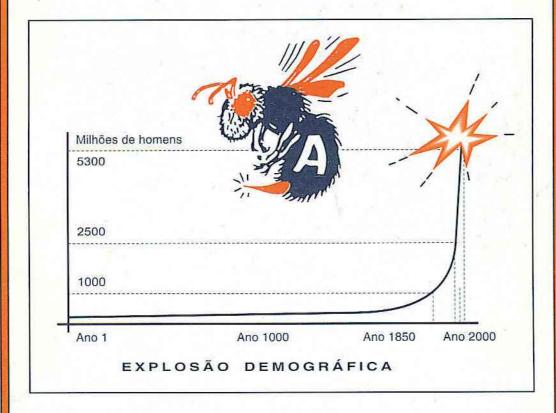
# CONSTRUÇÃO DA ANARQUIA



# Por uma ordem social conforme com a natureza humana

(Fatores psicológicos para sua efetivação)

Gilbert R. Ledon

#### OBRAS E EDIÇÕES DO AUTOR:

Zé do Burro -1983

(Crítica social autobiográfica) - em Francês, Português e Esperanto

Um mito moderno = A coletividade -1986

(Ensaio filosófico) - em Esperanto

Além das nações através do nosso mundo - 1989

(Livro de viagens) - em Esperanto

Retorno à terra -1992

(Uma solução para os problemas dos homens) - em Esperanto

Cadernos técnicos -1996 -1998

(Sobre experiência pessoal) - Em Esperanto

- 1) Manequins e nós
- 2) Bombas herméticas
- 3) Construção da anarquia
- 4) Esperanto = língua para a família
- 5) Ícaro não sonhou

Os anais da Associação Paulista de Esperanto -1997

(Sobre a história da associação)

Não só idealistas mas realizadores -1995

(Coletânea de depoimentos de esperantistas - em português - co-autor)

© Obra sem direitos autorais como colaboração ao Movimento Libertário do Brasil

Preço máximo R\$ 5,00

## Construção da Anarquia

Por uma ordem social conforme com a natureza humana

(Fatores psicológicos para sua efetivação)

Estas páginas foram objeto de uma publicação seriada no "Liberecana Ligilo", boletim da Facção Libertária da S.A.T. - Sennacieca Asocio Tutmonda (Associação Anacionalista Mundial), nº 84 a 90.

Traduzido do original em esperanto por Lília Ledon da Silva e revisão do autor.

Edição do autor
— 1998 —

Dedico este caderno à humanidade, a esta pobre humanidade e sua burrice.

#### "A Anarquia é a expressão máxima da ordem"

isto foi expresso da mesma maneira por Elisée Reclus, P. J. Proudhon e todos os autênticos anarquistas.

Capa: Já que os homens precisam de símbolos, deixo de lado o estandarte preto costumeiro, mas apresento um arranjo com um dos mais graves problemas existentes: a explosão demográfica. Será que uma picada anarquista, tal qual uma picada de marimbondo, seria capaz de despertar para a conscientização?

## ÍNDICE

	Página
Prefácio	08
Resumo de minhas vivências pessoais	11
Introdução ao tema	13
Anarquia e anarquistas	15
O homem: individual ou coletivo	16
Sobre cotovias assadas	17
A preguiça total	19
Ordem social ou boêmia	20
Mística e razão	21
Conformidade com a natureza humana	23
Liberdade - igualdade - fraternidade	24
Universalidade dos valores humanos	26
Economia, o campo relevante	27
Noções de autogestão	30
O mercado verdadeiramente livre	31
O colapso do capitalismo	35
Esboço para uma estrutura anarquista	36
A nova ordem	38
Exemplos práticos	40
Resumo dos fatores psicológicos de viabilidade para a ordem	
social anarquista	42
Apêndice - Machu Picchu - Campo de Experimentação	44
Aforismos Libertários	54

## CONSTRUÇÃO DA ANARQUIA

#### **PREFÁCIO**

Não é possível apresentar a estrutura de uma ordem social tão importante quanto a da anarquia sem situá-la no âmbito da ordem social atualmente vigente.

Na verdade, minha geração, isto é a dos que nasceram depois da Primeira Guerra Mundial (depois de 1918) e antes da Segunda Guerra Mundial (antes de 1940), vivenciou acontecimentos, fulminantes progressos (ou involuções), experiências, que nenhuma outra geração experimentou na história humana... Veja-se a extrema rapidez da evolução de setores tão recentes quanto a aviação, transportes, radiocomunicação, maquinismo, depois a televisão, energia nuclear, computação, robôs e consumismo, tudo num ritmo difícil de ser acompanhado até mesmo pelos técnicos mais gabaritados.

Uma evolução tão acelerada trouxe mudanças igualmente profundas nas relações humanas e nas estruturas sociais, inclusive na famosa noção de luta de classes.

Podemos admitir que as classes em nossa ordem social arcaica não sofreram alterações, lamentavelmente, pois o capitalismo já existia antes da geração acima mencionada, e a exploração do homem pelo homem é tão antiga quanto a nossa civilização de mais de 2.000 anos de existência. Felizmente, podemos acrescentar que nossa ordem social natural, a anarquia, já existia antes de tudo isto.

Sabemos que antes do final do século passado, sob a pressão do maquinismo, que deu novo impulso ao sistema de exploração mais acirrado que os homens jamais tiveram coragem de instituir: o capitalismo, já apareciam formas de reação, como os movimentos socialistas, entre os quais se destacava o que foi concebido por Marx e seus seguidores. Já testemunhamos, quer em sonho, quer em meio a desilusões, o estabelecimento daquilo que se chamou de comunismo. Vivenciamos os mais terríveis despotismos instaurados em nome de uma justiça social onde se alternavam variantes tais como negros fascismos e nazismos sustentados por nacionalismos e imperialismos nascidos das mais diversas ideologias, doutrinas, dogmas, que justamente não levaram em conta a evolução das ciências e tecnologias, conservando o obscurantismo do cristianismo, entre outros.

Criou-se um abismo sem precedentes entre a evolução científica e tecnológica e os valores éticos estabelecidos. Por exemplo, e conseqüentemente, deu-se a explosão demográfica, que colocamos em destaque na capa deste caderno por ser uma das conseqüências negativas mais graves deste abismo. Os homens não souberam estabelecer uma ordem social condizente com a natureza

humana em seus comportamentos, condutas e ações, e assim também os muros entre os sistemas tais como o capitalismo e o comunismo ruíram, justamente em razão do desmantelamento de um comunismo demasiadamente recente e imaturo, que se agarrava ao mito deveras estúpido segundo o qual o homem é propenso por natureza e por opção à vida coletiva. Sobrou o capitalismo, novamente revigorado pelos sistemas dos estadismos (novamente sobretudo desde 1990), mas o abismo permanece, entre estes pseudo-valores e a prática das ciências e tecnologias. O capitalismo, obstinadamente, não quer levar em conta as realidades de nossa evolução, principalmente nos fatores mais simples como os econômicos. Abriu-se também um abismo entre as artes e as ciências. Se analisarmos o funcionamento econômico, por exemplo, sabemos que a economia é a arte da administração, da produção, do cultivo de mercadorias, produtos, riquezas capazes de satisfazer as necessidades humanas. A ciência, a economia, aliás efetivamente considerada uma ciência somente de uns cinquenta anos para cá, é uma pseudo-ciência que baseou suas premissas no funcionamento do sistema capitalista, o sistema da especulação, da exploração do homem. Este sistema, que não se preocupa com as necessidades dos homens, mas tem seu desempenho voltado para o lucro, para as bolsas especulativas de falsos mercados. Sim, vivenciamos tais fenômenos em meio aos absurdos humanos.

Felizmente, como analisamos neste caderno, o capitalismo está atingindo a última etapa de sua sobrevivência já que ele está se expandindo ao nível do planeta, no mundo inteiro, um pouco como deveria acontecer com nossa S.A.T. - Sennacieca Asocio Tutmonda (Associação Anacionalista Mundial), que ,aliás, apareceu entre as duas Grandes Guerras, conosco. Tanto quanto a SAT, o capitalismo descobriu que os valores humanos são equivalentes, anacionalistas (isto é, independentes das fronteiras nacionais) e mundiais. Assim, de alguns anos para cá, criou-se uma espécie de S.I.T. - Sennacieca Imperiismo Tutmonda (Imperialismo Anacionalista Mundial), através do qual são fabricados bens na América do Sul ou na Malásia, onde ainda se pode explorar de modo escravocrata os trabalhadores para a produção de mercadorias que serão facilmente vendidas com lucros altíssimos em Nova Iorque ou Londres. Ali ainda há um certo poder de compra antes da chegada definitiva do desemprego, da total falta de oportunidades de trabalho e de poder aquisitivo. Isto mesmo: há alguns anos o desemprego atingia 5% da mão-de-obra ativa capacitada, passou a 10% e agora frequentemente a quantidade de trabalhadores não-assalariados chega a mais de 20%. Logicamente, segundo a lógica dos próprios empresários capitalistas (entre os quais eu me incluia e por isso falo com conhecimento de causa), os computadores, os robôs, lá no abismo tecnológico, facilmente levarão este desemprego a 50% ou mais.

Então, dentro da mesma lógica, o colapso que já está em andamento, a

"convulsão social", inevitavelmente explodirá de uma vez por todas, pois o proletariado não poderá agüentar eternamente. As intervenções paliativas dos estados (criação de novos empregos ou talvez simples distribuição de cupons de consumo) são tão estúpidas, tão demagógicas e irracionais que nunca conseguem dar resultado nenhum. A ridícula criação de serviços só leva a uma forma de parasitismo que não faz senão acelerar a catástrofe.



Creio que as curvas acima, que representam a migração das oportunidades de trabalho são mais do que suficientes para ilustrar o novo problema. Do mesmo modo, a evolução do salário mínimo, no Brasil especificamente, mas como em qualquer parte do mundo, com a redução drástica do poder aquisitivo, só pode acelerar o colapso das presentes desordens. Observe-se que em 1.986 com um assim chamado salário mínimo, os operários compravam 112 kg de pão. Em 1.996 estes mesmos operários, os que ainda não perderam este salário miserável, só conseguem comprar 40 kg deste mesmo pão de má qualidade, que custa três vezes mais.



Mais espantoso ainda é o fato de que, em nosso mundo estúpido, os capitalistas idiotas e os condicionados economistas da miséria não quiseram se conscientizar, até agora, que aqueles que mais precisariam adquirir os bens produzidos são os próprios trabalhadores que os manufaturam sem receber com isto um poder de compra suficiente.

Não vivemos mesmo num mundo de loucos?

Assim sendo, frente a estes sistemas em franco desmoronamento, se em

meio às ruinas a humanidade de alguma maneira conseguir sobreviver, nós temos que prever prospectivamente uma ordem social que seja passível de se manter viva..Dentro desta visão prospectiva, acredito que a mais antiga, a mais natural, a mais adaptada à natureza humana, a mais racional, é a ordem social mais espontânea de todas, isto é, a anarquia. Torna-se premente que estejamos prontos para reestabelecê-la. Todos os fatores psicológicos já estão disponíveis, nossa experiência deixa isto patente. É o que pretendo até certo ponto apresentar nas páginas que se seguem.

**MAIO DE 1.997** 

## RESUMO DE MINHAS VIVÊNCIAS PESSOAIS

Esta é uma pergunta frequente entre os libertários e principalmente dos não-libertários aos libertários: o que você fez na prática para implantar sua anarquia ideal?

Cada um de nós lamentavelmente tem que responder : eu fiz realmente muito pouco.

Nós podemos fazer pouquíssimo em razão do abismo que há entre nossa ordem ideal e a desordem reinante. E, como todos sabem, quando alguém se opõe aos sistemas estabelecidos, estes mesmos sistemas logo se encarregam de jogar os oponentes em cárceres, prisões, exílios e assim por diante. Nossas ações, ao sairem do conformismo vigente, são sistematicamente perseguidas, aniquiladas pelos detentores do poder por serem subversivas.

Eu, por exemplo, que nasci no campo, usufrui da autonomia local de minha família, até sem ter consciência dela, mas eu acho que esta vivência me impregnou da essência da anarquia... Eu não aprendi a anarquia, eu a pratiquei sem a conhecer, e só depois de ter lido nossos clássicos é que fiquei sabendo que eu era um adepto dela.

Por volta dos meus 20 anos, eu tinha a intenção de me recusar a pagar o tributo do sangue... mas depois de medir as consequências deste gesto eu resolvi fazer o serviço militar... e minha tendência à rebeldia acarretou apenas 45 dias de encarceramento (que eu não desfrutei por inteiro), sendo que minha inclusão na lista dos que seriam enviados para a guerra da Indochina nem chegou a se concretizar... Por isto eu ingressei normalmente na vida normal de nossa sociedade.

O que teve um caráter mais prático foi minha emigração da França para o Brasil para sentir a equivalência dos valores humanos com sua característica "anacionalista", por me fazer ver e palpar que noções como pátria, nação,

diferenças de costumes e tradições são ridículas pois tudo é folcloricamente equivalente. Evidentemente, desde então eu adotei o esperanto como língua cultural... a única língua que nunca pode ser estrangeira por ser mundial e não local.

Foi então que fiz um contrato com minha esposa (o documento convencional não passou de um acessório social) para uma vida em família, de acordo com a célula básica na estrutura da sociedade. Aplicamos o respeito mútuo e nunca pensamos no rompimento de nosso contrato. É um grande contraste com a ordem "normal" dos divórcios sem fim, onde os homens não são capazes de controlar sua libido e seus impulsos.

No tocante às atividades profissionais, devo dizer que sempre recusei trabalhar em grandes empresas (atitude incompreensível para meus colegas de então) justamente para resguardar minha independência, minha autonomia, e consegui tornar-me eu próprio um empresário, proprietário de meus instrumentos de trabalho, mesmo que eu não tenha praticado a autogestão com os funcionários, como será posteriormente explicado neste caderno. Entretanto, é interessante mencionar que eu sempre procurei despertar em todos aqueles que trabalharam comigo uma verdadeira consciência profissional, de modo que mesmo depois que eu me desliguei da firma (em 1.996 já lá se iam mais de 4 anos), a empresa continuou e continua a funcionar sem um dirigente técnico ( que era eu)... o que prova que a autogestão poderia ser facilmente implantada depois de uma educação e um treinamento adequados.

Meu esforço em manter o respeito, em evitar as agressões e desonestidades surtiu o efeito de eu nunca, até hoje, quando já alcancei 65 anos de vida, ter precisado pessoalmente de um advogado. Aliás, nesta minha vida, eu nunca tomei parte de uma briga corporal, nunca recebi nem dei um soco sequer. É por isso mesmo, diga-se de passagem, que eu tenho uma frustraçãozinha bem humana. Afinal todos nós temos alguma agressividade.

Nas firmas onde esta responsabilidade me cabia, três ou quatro vezes eu compareci à justiça do trabalho justamente para que os trabalhadores que se deixaram influenciar pelos agitadores dos pretensos sindicatos perdessem os processos. E eles perdiam. Minha experiência relativa à ação sindical me levou à conclusão de que os recursos sindicais são ineficientes para se alcançar um melhor inter-relacionamento em nossa ordem social. Trata-se apenas de uma agitação irracional ou de uma subversão política a serviço de corporações ou grupos privilegiados, e infelizmente isto vale tanto para os sindicatos de patrões exploradores quanto para os de assalariados explorados. Além disto, é fácil constatar que aquilo que os homens mais fazem é rezar, votar e entrar em greve. Se isto adiantasse, nossa sociedade há muito tempo já teria se tornado perfeita.

Meu único grande inimigo é o estado, este aparelho de opressão que não tem outra meta a não ser a de nos submeter a sua exploração. Meu maior prazer

na direção de minhas empresas era o de enganar os sistemas estatais com fraudes ou deixando de pagar os impostos, isto evidentemente tirando proveito das qualidades bem humanas que caracterizam os fiscais, tais como corrupção, falsidade, ganância. Acredito que estas experiências adquiridas me capacitam para esboçar uma ordem social isenta destas falhas, baseada em acordos construtivos e não em leis humanas estatais.

Como relatei em meu livro "Retorno à terra", tive a oportunidade de provar que tal retorno ao campo é relativamente fácil e que com 6.000 m2 oito pessoas podem obter sua alimentação. Nesta mesma propriedade, que no inicio era totalmente infrutífera, também pude mostrar, depois de uma reestruturação apoiada em aplicação de tecnologia e em investimento de trabalho, que os homens podem fazer muito para evitar seu perecimento final, hoje cada vez mais visível, e para estabelecer as fundações que garantiriam uma sobrevivência confortável.

É isto e muitas outras coisas que eu procurei demonstrar em meus livros e artigos publicados em várias revistas ou periódicos ao longo dos anos. Sempre me esforcei em apoiar meus argumentos anarquistas sobre fatos reais da sociedade contemporânea. Meu amigo Stefan Maul, ex-redator e fundador da revista "Monato", descobriu isto com facilidade e escreveu no prefácio de meu livro "Viagem anacionalista em nosso mundo"<sup>2</sup>: "... ao se conhecer as causas, pode-se começar a agir para acabar com suas conseqüências e - se a humanidade tiver sorte - chegar um dia a derrubar os próprios muros que separam os homens, os povos e os indivíduos". Na prática é a isto, e só a isto, que visam os libertários.

### INTRODUÇÃO AO TEMA

Talvez o leitor esteja a se perguntar como é que se pode incluir a construção anarquista, libertária, numa série formada por cadernos técnicos.

A bem da verdade, tudo o que o homem faz, suas ações todas obedecem a uma técnica, se tomarmos a técnica como o conjunto dos métodos e procedimentos para realizar alguma coisa. Logo, a construção anarquista, que é a construção de uma ordem social adequada à natureza humana, só pode ser efetivada mediante métodos e processos bem conhecidos por meio de análises científicas e técnicas de fácil compreensão.

A esta altura, devemos enfatizar que a involução desumana de nossa sociedade, que levou às tão conhecidas explorações do homem pelo homem com os decorrentes conflitos entre os homens, ocorreu segundo uma técnica, segundo métodos e procedimentos perfeitamente catalogáveis, identificáveis também por análises científicas, quer antropológicas, quer psicológicas, quer sociológicas, quer outras ainda.

O fato de conhecermos, experimentarmos, vivenciarmos científica e tecnicamente a evolução de nosso mundo, condizente ou não com a dignidade do homem, não significa que possamos facilmente corrigir seus eventuais defeitos e desvios por força dos recursos técnicos... Nossa força de vontade pode estar, na própria sociedade, direcionada, por exemplo, para a exploração, a submissão, a dominação de um homem pelo outro, ou de um grupo de indivíduos por um sistema, como sempre acontece. Antes de um ato eventual, tem que existir na mente humana a conscientização da necessidade deste ato. Para uma conscientização construtiva, tem que existir o pensamento, um pensamento condizente com a natureza humana, autêntico. Evidentemente a tomada de consciência (como costuma acontecer) pode ser um simples conformismo em relação aos sistemas vigentes através de manipulações das mentes dos indivíduos, através de condicionamentos e sugestões, ou pode ser autônoma, não-conformista, justamente, um olhar voltado para outra direção, individual, uma análise das coisas que nos cercam através de nossa própria capacidade de reflexão, de nosso próprio intelecto. É então que a consideração para com o homem em benefício do próprio homem é permanente e constante, e que surge a conformidade com relação à natureza humana e não mais um conformismo qualquer diante do estado de coisas vigente.

É isto, pois, que aconteceu comigo durante minha vida inteira, todos os dias, em todos os momentos: uma espécie de comparação incessante entre o conformismo por parte da sociedade existente e a conformidade para com a essência humana, visando à relativa harmonia nessa possível ordem social ideal (melhor). Evidentemente, esta minha comparação cotidiana era muito mais ligada à imaginação, muito mais subjetiva do que real por causa da impossibilidade de realizar nosso ideal, mas isto não a privava de sua veracidade conceitual. Devo acrescentar que os fatores psicológicos de efetivação estão constantemente palpáveis, pelo menos para mim. A somatória conhecimentos + vivências é capaz de levar à ação de construir, para além da simples visão utópica. Algo construido não é mais uma utopia e para tanto basta tomar-se a iniciativa de agir.

Nós, anarquistas, temos um trauma quase que insuperável: ter que viver nesta desordem absurda, com todas as formas possíveis de exploração, e ao mesmo tempo imaginar uma ordem em seu funcionamento pleno e espontâneo. É a partir desta comparação prática efetuada pela vida afora que se é capaz de formular métodos e procedimentos para construir, mesmo que se trate de uma construção de sociedade de certa forma abstrata. É por isso que eu tenho a coragem de divulgar este caderno.

Há outro motivo que me levou a escrever este caderno. Depois que publiquei meus livros "Um mito moderno: a coletividade" e "Retorno à terra", alguns autores de resenhas e críticas colocaram que eu não comprovei suficientemente

os termos das palavras-chave propostas e que eu desconheço os fatores psicológicos e as tradições culturais que alimentam a desordem social atual... Assim sendo, de acordo com os críticos, meus escritos são marcados pela ingenuidade. Portanto, vou tentar completar meus escritos anteriores e acabar com a suposta ingenuidade por meio de fatos adicionais ligados aos conhecimentos e a experiência, tanto meus quanto de outros pensadores científicos. Aliás, é evidente que o sentimento de ingenuidade existe naqueles indivíduos que só aceitam os sistemas já estabelecidos, os conformistas! Os progressistas que estão na vanguarda não vêem ingenuidade em concepções do mundo diferentes das suas. Eles só procuram analisá-las científica e tecnicamente para entendê-las e depois adaptá-las à realidade de nosso mundo.

Até agora a anarquia, para a maioria dos homens, é uma utopia ingênua... de modo que esta mesma maioria usa a palavra anarquia no sentido de desordem. Nossa tarefa é provar que a anarquia é a ordem máxima e espontânea. Nossa tarefa é construir esta ordem.

#### ANARQUIA E ANARQUISTAS

Na verdade, com relação à anarquia não há nada para se provar, já que a citada ordem máxima e espontânea é a da natureza, de nosso meio ambiente. Esta ordem existe há milhares e milhares de anos, ela não possui uma denominação específica justamente por causa de sua existência primordial, espontânea, natural, essencial. Vale lembrar que a palavra anarquia entrou para os dicionários só depois do início da revolução francesa de 1.789, quando alguns homens tiveram consciência de que a ordem social humana, também aquela da revolução de então, é incongruente com a ordem natural. A partir desta constatação, a palavra anarquia rapidamente adquiriu o significado de desordem e foi empregada para homens que, como nós, recusam a artificialidade da ordem humana, da lei humana.

Etimologicamente an-arquia significa "sem governo" ou, para os autênticos anarquistas, "auto-governo". Infelizmente, desde o tempo em que os homens não souberam mais se governar, serem auto-suficientes, independentes, e aceitaram o governo de deuses, reis, políticos, por meio da instituição mais monstruosa que o homem já criou: o estado, eles perderam a característica anarquista básica. No passado, antes da "civilização", todos os homens eram obrigatoriamente anarquistas ou então tinham que perecer. Hoje em dia, os homens que recusam ser governados, se submeter, são relativamente pouco numerosos, porém existem e são capazes de mudar a trajetória atual de involução.

É interessante notar que os anarquistas possuem traços comuns mesmo sem terem entrado em contato uns com os outros: eles dificilmente aceitam o domínio, a submissão, eles não são místicos (logo rejeitam as religiões), eles costumam agir de modo independente mesmo que eles tendam à boêmia. Evidentemente a palavra dada por eles tem uma validade e um valor maior do que os papéis assinados em cartório, o que é a base de todas as formas de respeito. Nunca ouvi falar em anarquistas verdadeiros que fossem traidores, eles agem direta e abertamente.

Muitos homens são anarquistas sem ter a menor consciência de sê-lo, mesmo quando se deixam condicionar, manipular, pelos sistemas. Além disto, não há dúvida de que a tendência ao anarquismo, tanto quanto ao misticismo, é hereditária. A propensão ao anarquismo existe de modo latente em cada indivíduo. Minha avó, meu pai agiam anarquicamente, sem sabê-lo, sem pensar em uma eventual classificação, eles simplesmente recusavam a submissão a um deus, um estado, um patrão... Eles agiam em conformidade com a natureza humana, em seu meio ambiente, no campo, quase em completa autonomia, auto-suficiência. Estes fatos por si só anulam qualquer hipótese de ingenuidade neste tipo de comportamento.

A anarquia não é uma doutrina, não tem dogmas. Trata-se muito mais de um estado de espírito do que de uma posição política. Melhor dizendo, a política anarquista é o conjunto das atitudes espontâneas dos homens e de suas condutas visando a plenitude no desenvolvimento da personalidade para cada indivíduo, considerado. Isto é válido para todos pois sabemos que os indivíduos formam a coletividade. Não é a coletividade que tem que moldar o indivíduo, como se procurou dar a entender a todos nós durante mais de 70 anos. São os indivíduos que constituem a sociedade.

#### O HOMEM: INDIVIDUAL OU COLETIVO?

Já escrevi um ensaio inteiro ("Um mito moderno: a coletividade")\* sobre este tema; evidentemente, mesmo que eu tenha razão ou que meus argumentos sejam suficientemente convincentes graças aos fatos apresentados, isto não significa que os homens em geral aceitem esta realidade. No entanto, da análise só podem resultar duas alternativas. A primeira é a de que o homem é individual, verdadeiramente único, segundo a consistente colocação de Max Stirner, e neste caso o homem segue a ordem anarquista que todos conhecem e que ainda delinearemos mais adiante.

A segunda é a de que o homem é uma pequena fração de uma coletividade, um instrumento de um órgão coletivo onde o governo pelos superiores é necessário, com verdades preestabelecidas, dogmas, leis de deuses, reis, estados, governantes (inclusive os "democráticos", que nós mesmos elegemos).

<sup>&</sup>quot;Moderna Mito: la Kolektiveco"

O mito sobre a coletividade criou um abismo entre a concepção da ordem anárquica e a desordem social vigente. Baseado em minha experiência pessoal, tecnicamente sou da opinião que existem só duas possibilidades em nossa evolução. Ou nós voltaremos à ordem original, a anarquista e anárquica, ou nós continuaremos na desordem de hoje (anarquia no segundo sentido) com todas as variantes de sistemas fascistas que só poderão levar a uma exploração permanente do homem, à miséria humana, a um profundo desequilíbrio com destruição em todos os setores de atividade humana e o conseqüente aniquilamento da humanidade e da vida no planeta. Estas análises técnicas já foram apresentadas em meu livro "Retorno à terra".

Sem dúvida o homem é "social" no sentido de que ele gosta de manter contato de algum modo com outros indivíduos para conviver com eles, trabalhar em colaboração, se distrair em grupo, participar de caçadas, etc. Contudo a sociabilidade não é uma característica das estruturas coletivas, como as dos cupins e das abelhas, que não vivem como indivíduos. O homem tem uma estrutura individual. A sociabilidade foi bem analisada por Kropotkin em sua obra "A ajuda mútua - Um fator da evolução".

A sociabilidade é a característica humana que justamente vem assegurar o funcionamento da ordem anarquista, principalmente no estágio atual da evolução técnica e científica. Ela garante uma cooperação sistemática primeiramente na consecução de uma economia racional, uma economia condizente com a natureza humana, isto é, inclusive, sem o capitalismo financeiro-especulativo, o qual constitui a base da atual exploração humana. Num sistema coletivo o homem é um instrumento, um escravo, e perde sua individualidade; com o aproveitamento da sociabilidade, o homem se mantém independente e conserva sua individualidade. É oportuno mencionar que no individualismo não se inclui qualquer forma de isolamento absoluto, pelo contrário, os indivíduos praticam facilmente a cooperação mútua graças à sociabilidade.

Num regime coletivista os indivíduos reagem exigindo seus direitos. Numa ordem social livre, individualizada, os indivíduos só precisam cumprir seus deveres, o direito é mera consequência deste cumprimento.

#### SOBRE COTOVIAS ASSADAS

Quando se trata da tomada de consciência relativa ao cumprimento de obrigações, nós não precisamos de modo nenhum de uma instrução aprofundada sobre motivações e justificativas. As justificações e as motivações aparecem espontaneamente em nosso meio ambiente, elas são evidentes. Entre os deveres evidentes encontra-se a necessidade de trabalhar para o sustento de cada um de nós.

Para mim, por exemplo, a conscientização se deu bem simplesmente. De vez em quando, no âmbito de minha própria família (onde, como já disse, agiase de maneira anárquica sem se ter a consciência disto), eu ouvia dizer: "Não pense que as cotovias vão cair já fritinhas em sua boca!". Quando ouvi isto pela primeira vez e tomei consciência de que aquilo era óbvio, a imagem tornou-se tão evidente a meus olhos que minha primeira reação foi a de rir de mim e logo depois eu senti toda a força daquela verdade. Este foi para mim o fator psicológico suficiente que me fez aceitar a necessidade do trabalho, da autonomia, do esforço pela sobrevivência, da reação contra um eventual excesso de preguiça, etc. - em suma: para podermos comer as cotovias, nós temos primeiro que capturá-las ou criá-las, depois temos que desemplumá-las para podermos finalmente fritá-las.

Evidentemente, em minha família nunca se pensou que terceiros pudessem fazer isto em nosso lugar. A idéia de explorar os outros era inconcebível, tanto quanto a de preguiça, isto é de ócio completo, e nós nunca poderíamos ter imaginado que uma instância superior (o estado) chegasse a resolver nossos problemas. Nossa autonomia e auto-suficiência por meio da autogestão era natural, espontânea, fruto de nossa livre escolha. Por isso, quando começou a 2.a. Guerra Mundial, nós quase não sofremos privações e tivemos a oportunidade de ajudar pessoas que tinham fugido das cidades e que dependiam do sistema, sistema este que tinha sido destruído.

A ajuda mútua era tradicional durante a colheita de batatas, trigo, freqüentemente feno, etc. Quando se colhia os cereais para debulhá-los, a ação conjunta, a ajuda mútua era uma rotina, um hábito. Nos anos 1.930-40, já tinham aparecido as debulhadoras, que iam de propriedade em propriedade, de aldeia em aldeia, e durante mais de vinte dias por ano nós quase que festivamente, num trabalho comunitário, acompanhávamos a máquina. Era uma ocasião para competições: quem colocava o mais rápida e cuidadosamente os feixes na máquina, quem eram os mais capazes carregadores de sacos de trigo (mais de 80 kg por várias escadas até os depósitos sob os telhados, etc.). Depois havia oportunidade para as mesmas competições ao se comer e beber vinhos, cantar e dançar! Em suma: a ajuda mútua pode funcionar espontaneamente, mas as máquinas modernas, mais eficientes, aboliram a tradição. Entretanto, será que o sentimento, a capacidade humana de ação em conjunto, de ajuda mútua, de solidariedade, não podem mais existir, ganhar novas forças em nossa vida moderna? Acredito que sim.

Minha experiência provou que sim.

#### A PREGUIÇA TOTAL

Eu não posso aceitar a idéia de preguiça absoluta, no contraste que se depreende desta idéia com relação ao parágrafo anterior sobre o trabalho.

Evidentemente o "Direito à preguiça" de Paul Lafargue se justifica quando trabalho for sinônimo de escravidão humana. Segundo o ponto de vista anarquista o trabalho liberta, e não escraviza. O trabalho se tornou escravizante em sistemas desumanos, que foram criados pelos homens, por exemplo, no capitalismo financeiro-especulativo, no capitalismo de estado (o assim chamado, e felizmente arruinado, comunismo) ou em todos os feudalismos, como os dos suseranos medievais com seus vassalos ou a vassalagem atual a nossos estatismos feudais.

Sabemos (também enquanto técnicos) que as máquinas, nossos robôs e computadores estão aptos a nos liberar do famoso drama (falso problema) da falta de oportunidades de trabalho, desemprego, fenômeno que aliás não existe na estrutura anarquista, como veremos. Se trabalhar é agir para produzir suas necessidades vitais, os indivíduos não podem chegar a um estado de far-niente, já que então morreriam. O far-niente (falta de trabalho) é uma anomalia, um absurdo nos sistemas até agora existentes. O desemprego prova que nossas ordens sociais fugiram à adequação com a natureza humana frente à tentativas vãs no capitalismo especulativo ou no ridículo fracassado comunismo, que distribuiu empregos sem alcançar a respectiva produção.

A total ociosidade era algo impensável há um século, de modo que os clássicos da anarquia mal chegam a mencioná-la, limitando-se à preguiça natural. Ela é encarada na mesma linha de uma vagabundagem folclórica, da boêmia. A total ociosidade (a aceitação do far-niente) é muito mais perigosa e ela ainda não entrou nos tratados científicos dos psicólogos porque até há pouco tempo atrás a aceitação do ócio absoluto, da preguiça, não existia. Os homens ainda não se acostumaram com o fato de que isto pode existir: o homem ficando em ociosidade absoluta.

É evidente que tais homens existiam no sentido de nada produzirem, mas eles sempre faziam muito, eles desperdiçavam em farras, e à maneira burguesa, as riquezas que eles arrancavam de nós explorando nosso trabalho suado. Estou, pois, falando de homens comuns que aceitam o ócio. Este estado de espírito tem diversas causas. Primeiramente, ele está ligado ao mito da coletividade, e eu seguidamente citei em meus escritos o ditado popular que reza, no Brasil, que "plantando, dá" ... ou "não plantando dão", a coletividade dá. Exigir os "direitos" é muito mais fácil do que cumprir os "deveres".

É hoje em dia bastante interessante analisar como mais de 90% dos homens se voltam para este monstro (o mais alto representante da coletividade), o estado, para resolver seus problemas. Pode-se dizer, sem exagerar o exemplo constante

no sub-título anterior, que os homens tencionam receber do estado suas cotovias já fritinhas!... mesmo que se trate de um salário proveniente dos empregos criados sem o respectivo trabalho produtivo, é claro! Chama-se a isto justiça social no âmbito do direito à preguiça. Não é mesmo estranho?

Bem impressionante é a destruição que se deu durante os 70 anos de regime comunista com relação à iniciativa individual. Depois da queda do regime (há vários anos já), os homens ainda não reaprenderam a esforçar-se pessoalmente, a empreender por si, e muitos ainda confessam que o regime anterior era melhor, e os partidos políticos com tendência comunista (coletivista) estão se refortalecendo. Torna-se evidente que o pretexto de não quererem adotar o sistema capitalista, que é tão ruim, mostra-se pouco convincente. O espírito de empreendimento não é exclusividade do capitalismo, mas a preguiça cresceu no comunismo.

Também as distrações modernas, os passatempos, entre os quais está a televisão, contribuíram para o estado de ociosidade que os homens aceitaram. Para mim é realmente chocante o fato de que homens são capazes de ficar todo o santo dia diante da maldita telinha. Trata-se do maior meio de embrutecimento jamais inventado pelo homem. Vale lembrar que a culpa não é da tecnologia mas dos próprios homens, consequentemente uma inversão deste estado de coisas é totalmente viável, bastando adotar-se uma meta digna da natureza humana. Seria contudo necessário saber o que os homens efetivamente desejam em sua própria vida.

Será que somente uma boêmia fantasiosa?

### ORDEM SOCIAL OU BOÊMIA

Deve-se compreender por boêmia mais do que um modo de vida em que se manifesta desagrado para com usos e costumes severos, ocupações regulares, etc. Entretanto, eu acredito que a preguiça, o ócio absoluto não estão incluídos na ordem social que nós tencionamos construir.

Estamos prontos a aceitar os vagabundos, mas não podemos tolerar que as aberrações da natureza existentes em todos os setores de nossas vida se tornem o estado de coisas normal desta vida. Os vagabundos, os boêmios não "têm o direito" de se queixar da miséria que eles próprios escolheram.

Hoje em dia, em nossa humanidade, só se fala hipocritamente de misérias, fomes, subnutrição, vida em favelas, drogas, crimes de toda espécie. Eles na verdade existem por causa do mito da coletividade e a consequente ruína dos valores humanos de caráter individual. Os homens perderam sua capacidade natural de autodefesa para seu sustento em seu próprio meio ambiente. Em meu ponto de vista, com esta constatação, podemos dizer

que se trata de uma pouca vergonha para o próprio homem.

Evidentemente, cada um de nós pode escolher um barraco em vez de uma casa confortável, mas esta escolha tem que ser consciente, e não se deve perder a força de vontade. Atualmente, os homens, perdidos e apalermados, parecem estranhos num meio que, de fato, não é o deles: existe um abismo entre as cidades grandes e o campo. Eu sei que os leitores estão prontos para replicar que eles não escolheram uma casa confortável e têm que viver em barrações porque seus rendimentos de assalariados explorados não lhes deixou outra alternativa. Este argumento é tão somente uma questão econômica fácil de solucionar. O problema sério é saber se os homens querem efetivamente uma ordem social ou não. Se nós não queremos ser explorados é preciso que não nos deixemos explorar. Trata-se de uma evidência que implica o uso de nossa força de vontade máxima, assim sendo a resignação apática de hoje tem que desaparecer, o que implica a escolha de uma ordem social. Para não se ser explorado, basta atingir a auto-suficiência, a autonomia, quando não o isolamento, em plena cooperação ou numa estrutura familial. Nós pleiteamos uma ordem social digna do homem e adequada a sua natureza.

Alguns poderiam perguntar com espanto se a ordem atual, a civilização que é, por certo, humana, não é condizente com a natureza humana. As misérias de hoje, os crimes, explorações, conflitos são mais do que suficientes para provar que não. Estas constatações, alias, deveriam constituir um conjunto suficiente de fatores psicológicos para se empreender mudanças sociais. Os princípios humanos, dogmas divinos, leis estatais atraiçoaram a harmonia da humanidade. Nós (os anarquistas) constatamos que o misticismo destruiu a racionalidade humana. Evidentemente os não-anarquistas não enxergam estes fatos já que seus condicionamentos adquiridos e mistificações não o permitem, e que sua força de vontade não é suficiente.

### MÍSTICA E RAZÃO

Nós não devemos, na construção da nova ordem social, ser muito radicais. Não podemos esquecer que nós (os não-místicos, não-religiosos, que não podemos nem queremos crer em deuses) somos a grande minoria, por conseguinte os místicos (a grande maioria) não devem receber um choque com a apresentação dos fatores racionais para uma sociedade adequada ao homem. Eu acredito que aí resida a dificuldade para os fatores psicológicos: nós temos que apresentar racionalmente nossa ordem aos místicos, a grande maioria, justamente para além da influência da mística.

Na verdade as parábolas, alegorias, dogmas das religiões podem ser facilmente separados dos esclarecimentos sobre autogestão, sobre obtenção de autonomia numa ética humanizada. A mistura com divindades não é forçosa

para a construção de uma ordem condizente com a natureza humana. Sabemos que uma das causas do fracasso do comunismo na União Soviética era a proibição das práticas religiosas. Sabemos que as religiões são o "ópio dos povos" mas estes mesmos povos precisam de igrejas! Os sentimentos, emoções, misticismos humanos não podem ser completamente superados, talvez apenas possam ser amenizados por uma formação e educação laicais, não tendenciosas, racionais. Por outro lado, é fácil constatar que esta mística, por meio de religiões, na história humana só levou os homens à submissão, escravidão, exploração, manipulação em benefício de alguns privilegiados. Isto não é adequado à sociedade que nós imaginamos, por isto nos temos o direito de apresentar nossas teses e de usá-las de maneira prática. Fatos, constatações tirados da vida cotidiana deveriam ser suficientes para dar razão à nossa ação, para constituir uma conscientização básica.

Como já aludimos, o ateísmo, tanto quanto o anarquismo, apesar do sufixoismo, não são uma doutrina e sim uma mentalidade, um estado de espírito proveniente da capacidade intelectual do homem enquanto indivíduo.

Os ateístas consideram que a capacidade intelectual, a inteligência se manifestam de duas maneiras. Primeiramente pela razão, que é a capacidade humana (a estrutura mental) através da qual os homens descobrem e formulam as leis do universo e as põem em uso na ciência e na técnica para melhorar, na medida do possível, sua própria vida. A descoberta destas leis da natureza trazem ao mesmo tempo algumas explicações para os eventuais fenômenos da existência que nos cercam. Obviamente isto não basta para satisfazer plenamente nossa mente humana, que quer avidamente tudo compreender, saber, conhecer, explicar. Chega um momento, no estado atual de evolução, de capacidade racional, em que a ciência não consegue mais dar as explicações que nossa mente espera com grande expectativa. Chega um momento em que nossa capacidade intelectual se defronta com o inexplicável, o incognoscível. Aí aparece nesta mesma mente o absurdo da existência do universo, inclusive o absurdo de nossa própria existência com vida e morte. Justamente é isto que a mente humana não quer aceitar: o absurdo, o inexplicável... e é neste instante que aparece a tábua de salvação, que é a mística.

A mística é a interpretação esotérica das coisas e da existência em parábolas, em alegorias, por meio da "fé", como os religiosos e todos os assim chamados espiritualistas costumam fazer. Para os homens racionalistas tais explicações são meros jogos de palavras, um palavreado cabalístico, que não significam absolutamente nada do ponto de vista científico. Para os homens que não costumam pensar, para a massa acéfala (a grande maioria) a mística é ideal e tudo resolve por intermédio das religiões, sendo uma sempre mais verdadeira que as outras.

Todos e cada qual possuem estas duas capacidades, quer de raciocínios lógicos, quer de interpretações místicas com relação às coisas que nos cercam

em nossa vida. Os que crêem em deus são essencialmente místicos, os ateístas (os anarquistas) são essencialmente racionais. Sem dúvida também os crentes possuem alguma razão, da mesma maneira que os ateus não conseguem escapar completamente da mística, que é reencontrada na expressão de sentimentos

abstratos, como os dos poetas e filósofos.

Para os ateístas, deus equivale a absurdo. Os místicos, os crentes substituem o incognoscível, o absurdo, o inexplicável, o incompreensível por esta palavra que não tem qualquer significado: deus A noção de deus equivale à noção de absurdo. É entretanto um fato que a grande maioria dos homens é mística, o que evidentemente não prova a existência de nenhum deus mas sim o perigo da mística em si para estabelecer, por exemplo, aquilo que podemos entender por conformidade com a natureza humana.

### CONFORMIDADE COM A NATUREZA HUMANA

Para os religiosos estar em conformidade com a natureza humana é estar em obediência a deus, a dogmas, a ordens de supostos messias, a toda espécie de encíclicas e doutrinas. O que leva à submissão, à sujeição absoluta, à exploração radical, ao trabalho escravo dentro de sistemas estabelecidos por privilegiados oportunistas que se conferem o direito de nos governar, a nós, o povo, por leis, por instituições como o monstruoso estatismo, etc. É justamente um tal conformismo que nós não podemos aceitar pois estar em conformidade com a natureza humana é algo totalmente diferente.

Para mim, algo que respeita a natureza humana é algo que não atenta contra a integridade de nossa individualidade. A adequação com a dignidade humana deve deixar o indivíduo em plena liberdade (isto é, sem pressões externas) de pensamento e ação, para um pleno desenvolvimento do próprio indivíduo. A conformidade com a natureza humana é aquilo que leva o homem a sua situação de vida melhor em seu meio ambiente. Ela implicitamente atinge, pois, nossos comportamentos, condutas e todas as ações para alcançar aquilo que se costuma chamar de uma vida boa, harmoniosa e feliz! Ela implica na conscientização, no conhecimento de nossas características e nosso caráter desde nossas qualidades más (pecados) até nossas boas qualidades (virtudes) rumo a um equilíbrio a nível individual, que conduz ao autocontrole na sociedade.

Como veremos, este ponto de equilíbrio, de conformidade com a natureza humana é importantíssimo enquanto diretriz ética na ordem anarquista que devemos atingir espontaneamente, isto é de acordo com as leis da natureza, pelo fato de que uma eventual lei humana não pode, justamente, ser adequada à natureza humana.

A lei dos homens não é conforme com a natureza humana (pelo menos não universal e prospectivamente) por já ter sido feita sob a influência de circunstâncias locais (usos, costumes, tradições) ou de interesses particulares dos legisladores, e por isto não se aplica a todos os grupos humanos, favorecendo uns em detrimento de outros. Consequentemente, só a lei da natureza está conforme com a natureza humana e se aplica sem advogados, juristas e demais "sábios" no poder. Para rebater o argumento segundo o qual os homens civilizados não podem usar a lei das selvas, podemos mostrar facilmente que a lei humana talvez expresse uma forma de civilização dentro do conformismo estabelecido mas de modo algum uma adequação à natureza humana em razão das distorções inerentes aos dogmas, doutrinas, usos, tradições, costumes, códigos, etc. que escravizaram os homens se não enquanto instrumentos do mito: coletividade, pelo menos enquanto indivíduos independentes que perderam então sua autonomia. É por isso que a anarquia não aceita a civilidade da exploração, do governo, e reconhece a conformidade com a natureza humana somente dentro da lei da natureza espontânea. A premissa única desta adequação com o que é inerente ao homem é a do próprio homem enquanto indivíduo gozando de sua plena autonomia, enquanto o único a poder agir em sua própria vida e o único a poder usá-la. Evidentemente este princípio essencial aplica-se a todos e a cada um, nele encontram-se nossos deveres e nossos direitos. "Nos somos", logo "nos existimos", como disse Sartre; não pode haver outra alternativa senão a de se ser único. Esta qualidade de sermos únicos nos leva à profunda aspiração à Liberdade - Igualdade - Fraternidade... o slogan hipócrita da revolução francesa.

# LIBERDADE - IGUALDADE - FRATERNIDADE

Para livrar o slogan de sua hipocrisia, é preciso expurgar estas noções de seu misticismo e sua imprecisão. Para mim, do ponto de vista da anarquia, palavras como fraternidade, amor, beleza não têm significado concreto, em razão de sua abstração. Sabemos, sim, que todo indivíduo deve respeitar o outro, logo deve conter sua eventual agressividade, não deve atentar contra a integridade dos outros homens. Sabemos que devemos ser solidários, praticar a ajuda mútua, e nós diferenciamos claramente esta ação da esmola destrutiva praticada pelos "irmãos" da hipocrisia. A sociabilidade leva até a nossa ética, até à profunda ajuda e respeito mútuos, como o mostrou cientificamente Kropotkin em seus estudos. Reencontramos aí a "ação direta" em nossos valores morais, que não podem aceitar a complacência, a compaixão dos hipócritas... quer tenhamos desrespeitado, atentado, enganado, traído, roubado, explorado, quer não. Os

fatos são atestados de ações, comportamentos, condutas dignos da natureza humana ou não. Não precisamos de códigos, de leis por referência. Não precisamos de processos jurídicos da jurisprudência. Os crimes, os delitos estão nos próprios atos, fatos, constatações... ou não existem pois os homens aprenderam o respeito necessário para evitar as agressões, os delitos. Se isto eles não são capazes de aprender, eles têm que sofrer as conseqüências; as punições são um detalhe que não pertence à fraternidade. Nossa moral deve ser rigorosa para resguardar a conformidade com a natureza humana.

Na natureza a igualdade absolutamente não existe. É possível encontrar nela semelhança, equivalência, mas nunca igualdade. Isto é válido, da mesma maneira para as qualidades e capacidades humanas, consequentemente não pode existir igualdade absoluta nas ações e comportamentos mas apenas valores de equivalência. Na sociedade igualar é levar à escravidão, à servidão totais. No respeito ao indivíduo enquanto ser único, o que é evidente na sociedade com relação à igualdade é a possibilidade de oportunidades iguais de autodefesa na vida. Estas oportunidades de cumprimento de deveres, tarefas, atos podem ocorrer de acordo com as capacidades e competências de cada um de nós. Creio, e os fatos na vida social o comprovam, que não existem outras formas de igualdade, tanto mais que nas declarações de direitos humanos só se fala em igualdade perante a lei (trata-se da lei humana discriminativa, que nós não aceitamos).

A noção de liberdade é uma conseqüência das noções acima analisadas de fraternidade e igualdade. A liberdade não tem sinônimo; sua definição reza que liberdade é o estado do homem que não pertence a um senhor, ou o estado de um cidadão que não depende de um governo arbitrário. Ser livre significa poder ir e vir a seu bel-prazer sem ser detido por obstáculos, ou poder agir à vontade sem ser incomodado por regras sociais e morais, ou então ser politicamente independente, ou ainda ser capaz de pensar por si. De modo que nosso lema: nem escravo, nem senhor - nem deuses, nem dirigentes resume perfeitamente a noção de liberdade.

Modernamente alguns pensadores libertários modificaram a definição dizendo que "a liberdade é o direito de fazer aquilo que se deseja, com aquilo que se tem". Eu, pessoalmente, e porque antes do direito vem o dever, digo que a liberdade é o dever de fazer aquilo de que se precisa, com aquilo que se tem. Esta definição é profundamente ética no sentido anarquista pois ela nos conduz

- ao cumprimento de deveres
- à obtenção da satisfação de necessidades (os desejos não podem ser fantasiosos demais)
  - à propriedade de meios de produção para a satisfação das necessidades: aquilo que se tem.

Nestas noções estão contidas estas palavras insensatas de Proudhon: "a propriedade é um roubo". Ele próprio reconheceu mais tarde que a propriedade é necessária, enquanto que crime é o monopólio de bens em nosso capitalismo especulativo, do qual temos que nos livrar. Evidentemente "aquilo que nós temos" é um direito natural de todos e de cada um: as ferramentas de trabalho (meios de produção) devem pertencer àqueles que trabalham (produzem). Na prática, aquilo que se tem proporciona um sentimento de segurança, de autonomia, logo de verdadeira liberdade. É um fator psicológico fundamental para nossa construção anarquista.

É oportuno lembrar que o slogan Liberdade - igualdade - fraternidade é hoje usado universalmente, no mundo inteiro, o que aponta perfeitamente para

a necessidade de uma cultura mundial.

# UNIVERSALIDADE DOS VALORES HUMANOS

Quando se olha para além das diferenças individuais (acabamos de dizer que nenhum indivíduo é igual a outro), para além das características raciais que também suscitam diferenças de comportamento, de conduta, independentemente do meio ou cultura, é fácil constatar-se que os valores humanos são totalmente equivalentes. Isto vale para os costumes, tradições, tanto quanto para as ciências e técnicas de que os homens fazem uso para melhorar suas condições de vida. Não resta dúvida que vivemos em um só mundo, sobre nosso globo terrestre. Se existe só uma única humanidade, é lógico que, para uma plena harmonia desta humanidade, para um bom (respeitoso da natureza humana) funcionamento de seus sistemas, deveria existir um instrumento comum de comunicação, uma língua. Esta língua (perfeitamente conveniente) já existe, trata-se do esperanto, minha língua cultural, a língua deste caderno¹, língua criada por Zamenhof há mais de um século.

"Uma humanidade, uma língua" foi o slogan que impulsionou o jovem anarquista que eu era para esta língua universal, anacionalista. Da mesma forma, Lanti, o fundador da SAT (Associação Anacionalista Mundial), antes de 1.921 já tinha plena consciência de que nossa evolução, nossa revolução só poderá acontecer debaixo da pirâmide social (o proletariado de então) para cima, mas em escala mundial. Para que tal conscientização, emancipação, liberação, amadurecimento de pensamento ocorra, é evidente ser indispensável ter-se um meio de comunicação, uma língua comum, mundial, universal, anacionalista.

Eu sinceramente, em toda a vida, me espantei pelo fato de que os autênticos anarquistas não se voltem sistematicamente para uma língua mundial, para o

<sup>1 -</sup> Esperanto língua do original.

esperanto. A evolução rumo a uma ordem social anarquista não poderá acontecer em pontos isolados, pois isto levaria à autodestruição em razão da rede de influências entre sistemas vizinhos diferentes; nossa evolução só pode se dar globalmente, em escala mundial. Sem uma federalização imediata, em escala mundial, por meio de uma língua comum, a anarquia não pode prosperar. Na história humana Babel sempre destruiu a universalidade dos valores humanos. Por outro lado a universalidade que se evidencia sobretudo na ciência, na técnica, na atual economia multinacional, transnacional, não põe em perigo o pluralismo, a diversidade dos demais valores humanos, de tradições, usos e costumes. A universalização que pode ocorrer por interpenetração, fusão dos valores, só pode ser enriquecedora, construtiva, em benefício de todos nós. Isto tem enorme valor para a ordem social anarquista, que se esforça para atingir o ponto máximo de otimização em tudo.

Evidentemente a universalização, interpenetração, fusão acontece por meio de um processo natural, normal, sem imposições de hegemonias culturais (como, por exemplo, a pressão anglo-americana atual), sem obrigações de caráter chauvinista, nacional ou estatal.

Apesar do "estadismo" (aceitação do domínio pelo estado) estar fortemente enraizada nos valores humanos, por eu já ter denunciado vezes demais o monstro em minha vida e porque os anarquistas geralmente (não em sua totalidade) também condenam este instrumento insaciável de exploração da humanidade, eu só aludirei rapidamente a ele nos tópicos sobre autogestão e livre iniciativa em razão da subjetividade inerente acerca da necessidade de um controle superior por meio de uma instância específica. Infelizmente ouvi isto seguidamente até de "vanguardistas", que uma instância superior, o estado, é necessária para ordenar a sociedade humana!

### ECONOMIA, O CAMPO RELEVANTE

A economia é a ordem sistemática através da qual os bens, instituições, estados são governados, administrados. É também a situação do ponto de vista da riqueza e dos recursos disponíveis.

A economia política é a ciência dos mecanismos que regulam a produção e a distribuição das riquezas, produtos, mercadorias e bens de consumo em geral.

É fácil compreender que na economia vê-se a ordem sistemática, o desenvolvimento natural da produção. Enquanto que a economia política é propriamente uma ciência (uma pseudo-ciência, em minha opinião) que os homens dominam mais ou menos bem e introduzem na economia justamente para influenciar negativamente (ou segundo interesses particulares) os processos e procedimentos econômicos. Por exemplo, o capitalismo natural de produção,

por causa do espírito de especulação mas por meio de procedimentos de economia política, se desviou para um capitalismo financeiro de especulação, uma forma de exploração humana. É um exemplo típico que mostra como a ciência (aqui a economia política) pode ser destrutiva em sua aplicação. É óbvio que ela fugiu da definição que certa vez me foi dada por um professor: a economia política é a ciência da satisfação das necessidades humanas. Na verdade isto é a economia como arte.

O capital, numa acepção geral, é o conjunto de fundos de dinheiro, provisões, ferramentas, máquinas, bens, imóveis, que uma pessoa ou uma sociedade utiliza para produzir. O capital constante, de trabalho, é este mesmo capital sob a forma de ferramentas, máquinas, equipamentos, abastecimento em matéria prima ou acessórios, os quais permitem a produção por parte de um homem ou de homens que através deste capital trabalham, produzem... e que evidentemente deveriam administrar tudo eles próprios.

A definição do capital financeiro ou especulativo corresponde aproximadamente à terceira definição do Plena Ilustrita Vortaro (Dicionário Completo e Ilustrado de Esperanto): valor, que seu proprietário não usa para seu trabalho pessoal e que cria a mais-valia (juros, interesses) graças ao fato de que se trata de um monopólio da classe exploradora.

É evidente que para evitar a exploração, o capital de trabalho tem que pertencer aos que trabalham, produzem por seu intermédio. Se o capital de trabalho consiste em dinheiro externo, de fora do aparelho de produção, logo tendo que "produzir" mais-valia para os capitalistas exploradores, o processo desencadeia a exploração daqueles que trabalham. No capitalismo financeiro, por causa dos juros absurdos, o dinheiro em si é considerado uma mercadoria. Enquanto que nós sabemos que o dinheiro deveria exclusivamente existir para representar riquezas, produtos, com o objetivo de um simples intercâmbio destas mercadorias.

O dinheiro é um instrumento de troca bem prático mas não uma mercadoria de troca indispensável. É absolutamente necessário acabar com a transformação do dinheiro em tesouro, mercadoria. Como veremos, os próprios locais de produção em cooperativas ou similares podem emitir eles mesmos o dinheiro para o intercâmbio de seus produtos, sobretudo se sabemos que os padrões monetários estatais são totalmente fictícios, falsos.

A esta altura é bom mencionar que o famoso investimento (a justificativa dos economistas políticos ortodoxos para o capitalismo com uso de dinheiro de fora e todo recheado de juros) ocorre obrigatória e exclusivamente por meio de poupança ou de trabalho extra.

Não pode haver outra forma de investimento além da que se utiliza da

poupança e do trabalho extra, mesmo que ela seja representada pelo dinheiro dos capitalistas terciários (proprietários de dinheiro). Na anarquia, economizar depois de ter satisfeito as necessidades não é conveniente, por conseguinte o investimento é simplesmente um trabalho extra com uma meta definida, determinada. Esta poupança e este trabalho extra devem ser feitos por aqueles que tencionam criar um aparelho de produção, uma empresa, uma firma. Lembro aos leitores deste caderno que na qualidade de empresário eu estou falando também graças a somatória de meus próprios conhecimentos + vivências.

Evidentemente no capitalismo exacerbado investe-se naturalmente o dinheiro da mais-valia, do lucro do comércio (comércio, negócios que não existem em nossa ordem anarquista) que os oligopólios e monopólios (subvencionados pelos estados) em trustes e cartéis conseguem dominar anulando a concorrência. Os economistas políticos dos sistemas econômicos atuais apresentam isto como um procedimento normal.

Quando se analisa a consistência dos preços em nossas economias atuais pode-se facilmente descobrir os absurdos de nossas

ordens capitalistas.

Impostos

Vejam o gráfico abaixo relativo a minha própria empresa de fabricação de manequins.

No custo (do qual o preço é consequente) o valor de produção (o custo de trabalho) não ultrapassa 10% do total. Todo o resto constitui-se dos impostos (mais de 50%), custos financeiros ou despesas comerciais estúpidas, plenamente evitáveis, desnecessárias numa ordem anarquista. Por isto

os poucos homens que produzem têm que suar muito para receber salários miseráveis e sustentar 90% de homens estes, sim, assalariados e quase totalmente parasitas... para os quais os sistemas do monstro "estado" têm que criar novos empregos.

É interessante que o próprio salário (compensação pelo trabalho, que já chegou a ser feita sob a forma de sal! daí a palavra salário) é objeto de negociações como uma mercadoria comum. A noção de salário (compensação pelo trabalho, feita em dinheiro) remete à idéia de exploração pelo fato de que o valor de uma mercadoria, de um produto, não tem mais qualquer relação com o trabalho, como pretendia Marx. Conseqüentemente no sistema anarquista os homens (trabalhadores) não mais receberão salário (o salário nós temos que eliminar, abolir) mas trocarão diretamente o fruto de seu trabalho, para satisfazer suas necessidades, num mercado inteiramente livre funcionando em plena autogestão.

## NOÇÕES DE AUTOGESTÃO

É necessário dizer logo que por causa dos sistemas atuais, onde intervém justamente o estado de espírito (fator psicológico) do capitalismo financeiro-especulativo, com salários e dinheiro armazenável como tesouro, a autogestão não é passível de ser implantada sem uma mudança radical na maneira de encarar os procedimentos da economia e da economia política.

Em minha vivência como empresário, eu tive a oportunidade de analisar a autogestão, tanto mais que por causa de minhas convicções anarquistas, eu teria gostado de fazer funcionar este tipo de administração. Além do mais, as circunstâncias se prestavam a isto.

O proprietário da firma cuja parte técnica eu dirigia decidiu vender a empresa. Logo anunciei a todos que ali trabalhavam juntos: vamos continuar e "comprar" a fábrica.

Longas explicações sobre autogestão eram obviamente de difícil compreensão para os trabalhadores relativamente incultos. Logo responderam: nós não queremos quebrar a cabeça, nós queremos garantir nosso dinheiro no fim do mês, nós preferimos um bom salário a um negócio incerto, etc. Isto significa que os homens temem o esforço de tomar iniciativas e dificilmente aceitam correr riscos. Eles preferem ser dirigidos, guiados. Evidentemente, depois eles teriam a possibilidade de reivindicar "direitos" e toda espécie de vantagens nos sindicatos de agitadores políticos profissionais que nem sempre têm o objetivo de melhorar efetivamente as condições de vida dos operários. Infelizmente a vida me ensinou que a realidade é esta, indo inclusive em sentido contrário aos princípios de autonomia. Os agitadores sindicais não lutam pela cooperação, pela autogestão, eles apenas têm a meta de obter (ou fazer com que se obtenha) vantagens nos sistemas existentes.

Para não encompridar a história, eu e outro funcionário, numa sociedade capitalista, "compramos" então a empresa, a qual pagamos facilmente graças a um estoque já existente de materiais que foram lucrativamente vendidos. Ficaram conosco vinte e cinco dos trabalhadores da antiga firma, que nós contratamos e exploramos por meio de salários de acordo com o sistema vigente. Nós entretanto sempre melhoramos estes salários com um prêmio de produção de 30%. É digno de nota o fato de que 30 anos depois alguns dos operários ainda trabalham comigo... eles até foram entrevistados por ocasião do 61° congresso da SAT (Associação Anacionalista Mundial) e não se queixaram de exploração por parte do patrão.

A autogestão, comprovadamente, só existe em pequenas propriedades rurais onde os próprios membros da família assumem as atividades e produzem sobretudo de maneira auto-suficiente, autárquica, quase que acorrentados à

terra. Na indústria o sucesso da autogestão está condicionado a muitos fatores. A instrução é fundamental para se compreender e fazer funcionar o sistema onde ninguém é senhor nem escravo mas todos e cada qual são cumpridores de tarefas com o fim de alcançar uma produção preestabelecida de determinadas mercadorias. Do fruto do resultado do trabalho as mercadorias intercambiáveis, todos e cada qual tiram os bens indispensáveis à satisfação de suas necessidades pessoais, justamente segundo suas necessidades, talvez segundo suas capacidades... Se estas capacidades são equivalentes, o lucro nas trocas podem então atingir uma forma de igualdade.

Os participantes devem, pois, estar conscientes de suas capacidades, competências, conhecimentos, devem saber aplicar tudo isto em prol do bom funcionamento da empresa sem provocar conflitos, numa cooperação ativa por parte de todos. Do ponto de vista técnico é fácil compreender que apesar de tudo algumas pessoas devem se submeter à orientação técnica de outras pessoas que tenham conhecimentos mais profundos em determinadas tecnologias adotadas por todos. Para a autogestão um alto grau de instrução, de consciência sobre o objetivo social da produção, sobre a atenuação da ambição, do egoísmo, da preguiça, do gosto pela especulação, são indispensáveis. Evidentemente a consciência da eliminação, da supressão do dinheiro enquanto tesouro, das bolsas especulativas, da negociação comercial, dos jogos financeiros, é o fator psicológico para a aceitação da autogestão na ordem anarquista... mas como fazer com que isto seja aceito pelas mentes de nossa desordem condicionada de hoje, mesmo em se tratando dos economistas inteligentes da exploração humana?

Como despertar a aceitação deste tipo de administração quando nossas sociedades se submetem cegamente às instâncias "superiores" como os estados, que são os maiores exploradores do trabalho humano e que regem o capitalismo financeiro-especulativo por leis humanas intransponíveis e quase unanimamente acatadas? Ouvi freqüentemente os fatores psicológicos para tanto: as tradições, os hábitos, os costumes são o fundamento da lei humana. Fatores de chacal.

### O MERCADO VERDADEIRAMENTE LIVRE

Ao que se diz o mercado é o poder aquisitivo de um grupo humano, ou dos necessitados de determinado produto. Na bolsa de valores o mercado é a situação da relação entre a oferta e a procura.

Estas concepções evidentemente são provenientes do sistema do capitalismo financeiro, especulativo. É entretanto de grande importância a situação entre a oferta e a procura: Esta oferta e esta demanda dizem respeito às mercadorias, às

riquezas que são passíveis de satisfazer nossas necessidades. Tornou-se patente que as necessidades dos homens são relativas e que o mercado pode induzir a novas necessidades, por exemplo, no consumismo dos últimos cinqüenta anos, quando apareceram centenas, milhares de necessidades suplementares.

São as necessidades reais (induzidas ou não, mas num processo livre) que deveriam, pois, determinar a procura e conseqüentemente a oferta num mercado livre. O mercado regula a oferta para efetivar a contento a procura, ou pode limitar ou não a procura. Em nosso capitalismo especulativo imbecil, através das bolsas de valores, os sistemas limitam, regulam a oferta para que os preços sejam o mais lucrativos possível para os ávidos especuladores do capitalismo financeiro. A própria procura só entra em consideração no que diz respeito ao poder aquisitivo, e absolutamente não no que concerne à satisfação das necessidades humanas. Nas bolsas a fome de uns frente ao desperdício de outros não interessa. Trata-se de um absurdo o fato de que nossos sistemas econômicos estejam baseados na relativa escassez das mercadorias de modo que os preços sejam lucrativos nas jogadas dos negociantes. Até o momento as diretrizes político-econômicas de nossa economia são baseadas exclusivamente sobre a escassez dos produtos e toma-se o maior cuidado para que a abundância não apareça!

A ordem social que almejamos tem em vista justamente o procedimento contrário: alcançar um estado de abundância, de tal maneira que a procura determine a oferta. Em outras palavras, numa economia racional produz-se para satisfazer plenamente as necessidades humanas. A noção de mais-valia, de negócio, desaparece completamente e é totalmente desnecessária. É o intercâmbio intenso e livre de produtos, mercadorias, no âmbito da satisfação das necessidades humanas (estas necessidades não são obrigatoriamente as mesmas para todos, exceto, é claro, as básicas), que leva ao verdadeiro conforto e riqueza para todos. Quanto mais ativas as trocas de bens, riquezas, artigos, mais ricos, no sentido amplo, seremos nós. Isto é mercado livre.

Evidentemente um tal processo não pode ocorrer através de salários, situação em que o trabalho é uma mercadoria negociável, ou por meio da distribuição de cupons de consumo por parte de uma instância superior, estado, etc. Assim pensam, por exemplo, os adeptos da economia distributiva baseada nas teorias de Jacques Duboin (famoso nos anos 50) ou outros apreciadores de Edward Bellamy (do romance "Olhando para trás" escrito há um século¹). Na prática, os socialistas ou comunistas dos últimos 70 anos tentaram este esquema e falharam porque os cupons levaram à preguiça, como vimos, e porque a produção diminuiu cada vez mais. A escassez se instalou até sem bolsas, o dinheiro e os cupons não proporcionavam a compra pois faltavam as mercadorias!

Nós, na anarquia, insistimos na produção por parte de todos num sistema

<sup>1 -</sup> este livro foi reeditado em português com o título "Daqui a cem anos".

de cooperação, com intercâmbio efetivo do resultado (mercadorias, artigos) desta produção. É importante compreender a diferença fundamental entre produção coletiva por colaboração numa planificação rígida e a produção espontânea por cooperação num mercado livre de economia anarquista.

A produção coletiva planificada simplesmente destrói a oferta frente a procura em razão da própria planificação, que não permite a tomada de iniciativas pelo indivíduo com concorrência entre todos os indivíduos. A colaboração se limita a uma eventual espiada em direção ao colega que eventualmente trabalha por ser bobo. Para que se esforçar, por que agir, por que produzir se de qualquer forma o salário, os cupons de consumo estão garantidos?... A preguiça destrói a produção na coletividade. O homem, o indivíduo (enquanto ser único) não pode desaparecer numa multidão, não pode perder sua individualidade, seu espírito de iniciativa, nem deixar de mostrar e de desenvolver sua capacidade pessoal mesmo sendo preguiçoso. Como sabemos, na ação coletiva só aparecem o favoritismo, o nepotismo, o suborno, a corrupção, pois os defeitos humanos se diluem na massa anônima. E quando aparece alguma produção, que espécie de qualidade podem ter os produtos senão a da padronização? Eu sinceramente senti vergonha de ser homem quando me deparei com a avaliação das mercadorias provenientes do ex-bloco soviético ou existentes na China. Que porcaria!

Num sistema cooperativo (cooperar significa tomar parte em... e o Plena Ilustrita Vortaro (Dicionário Completo e Ilustrado de Esperanto) adverte: este verbo nunca significa colaborar!), o cooperador traz para o sistema (cooperativo) o fruto, o resultado de seu trabalho para poder receber, como compensação, outros bens ou riquezas. Se certas tarefas devem ser cumpridas em colaboração (por exemplo, na indústria ou em culturas extensivas), a participação cooperante aparece na parte (porção) de tarefa cumprida pelo cooperador em questão, e a atividade de cada um não se perde, não se dilui, não se torna anônima.

E, o que é importante, o cooperador, numa cooperativa, no local do desempenho de atividades ou nas proximidades, prevê as necessidades do conjunto de cooperadores (e de suas famílias evidentemente), isto é: prevê a procura; e os cooperadores, que devem participar da planificação (as iniciativas são de todos e não apenas abstratas e a longo prazo, mas também concretas e a curto prazo) podem chegar a um acordo sobre a produção segundo suas capacidades, conhecimentos, experiências... e vontades - trata-se da oferta. Trata-se de um mercado efetivamente livre que tem por objetivo satisfazer as necessidades de todos pelo intercâmbio cooperativo em que permanece a concorrência entre todos, segundo a produtividade, a qualidade e as condições de entrega, o que é importantíssimo. Do mesmo modo, e sem sombra de dúvida, é importante que os cooperadores, livres para tomar iniciativas e agir, devem obedecer à lei do livre mercado, da concorrência, para que, de maneira vantajosa

para si próprios, possam realizar a troca de seus produtos. A lei universal, vale a pena repetir, é: o mais bonito, o melhor e o mais barato" (na cooperação, a troca mais favorável na oferta!).

Não podemos esquecer que só através da livre concorrência nós conseguimos melhorar as mercadorias acompanhando a estética humana, que não pode ficar subordinada a normas de padrões e estereótipos mas que segue os gostos dos indivíduos, os quais estão sob o signo da diversidade e do pluralismo, em conformidade com a própria natureza humana.

Uma vez mais, falo aqui de acordo com minha experiência enquanto industrial que teve que produzir enfrentando a concorrência. A concorrência dificulta tremendamente a produção mas estimula a iniciativa no sentido mais amplo: são aqueles que produzem mais bonito, melhor e mais barato que superam os outros no capitalismo financeiro-especulativo, é claro, mas também, sem dúvida, na anarquia. Estou certo de que assim terá que ser pois um planejamento por demais sistemático não é condizente com a natureza humana, logo não é próprio da anarquia. Em nossa livre iniciativa e mercado de cooperação, em resposta ao argumento freqüente que o livre mercado leva aos cartéis e trustes, nós podemos mostrar facilmente que o monopólio de produção não faz sentido em razão da impossibilidade de armazenar riquezas, da inexistência do dinheiro, da impossibilidade de especular (bolsas de valores não existem) e de estabelecer a escassez, etc.

Também a escassez não faz mais sentido por causa de nossa evolução tecnológica, que permite produzir sem limites de quantidade através de processos automáticos. Digno de nota é que nossa única limitação é nosso próprio meio ambiente, que devemos proteger para não perecer definitivamente. A estrutura anarquista não negligencia a ecologia, pelo contrário é essencialmente ecológica pelo fato de que a ecologia é uma ciência de proteção ao meio ambiente, plenamente conforme com a natureza humana.

Não devemos esquecer que no capitalismo financeiro-especulativo o livre mercado conduz aos trustes, cartéis, oligopólios, consórcios e similares apenas porque a liberdade ocorre no que diz respeito à posse de capital monetário; quanto mais capital (dinheiro) se possui, mais poder se detém. O maior "se", aliás, são os estados, onde até quando existem leis anti-trustes os governos ainda conseguem favorecer os monopólios. Atualmente, na economia, o capital monetário está se tornando mundial, de modo que o grande capitalismo controla os sistemas e leva a uma miséria maior. Não confundir este "liberalismo" com o "libertário"

Com a exceção da anarquia, um mercado verdadeiramente livre, aliás, não pode existir, isto os vanguardistas não-anarquistas devem compreender, e aí reside o fator psicológico para o reconhecimento do livre mercado.

#### O COLAPSO DO CAPITALISMO

Como aludimos, para além das leis de mercado, nós, há alguns anos já, a partir da expansão das assim chamadas empresas multinacionais (evidentemente capitalistas), pudemos constatar um fenômeno ainda mais terrível; trata-se da mundialização, da globalização da economia. Na realidade esta mundialização não visa a economia mas a monopolização capitalista da produção, sempre voltada para o maior lucro possível. Trata-se de uma nova forma de imperialismo.

Evidentemente sempre se está falando em melhora da produtividade, do rendimento geral, para suscitar preços mais favoráveis no mercado. Na verdade, consegue-se fazer isto, mas a que custos!

Os grupos capitalistas, os bancos se unem, as pequenas empresas (... como as minhas) entram em falência. Os robôs incessantemente vão substituindo cada vez mais os trabalhadores... logo o desemprego (falta de oportunidades de trabalho) vai crescendo sem que seja possível detê-lo, de modo que brevemente estes capitalistas imbecis não terão mais compradores para seus produtos idiotas fabricados em série... Felizmente o capitalismo está à beira do colapso. Inevitavelmente este colapso virá mais cedo do que se imagina pois a expansão do desemprego, falta de remuneração e similares não permanecerá no nível de 10, 20, 30 por cento, a evolução não tem limites mas a resignação dos homens, da classe trabalhadora, sim, sem sombra de dúvidas. Além disto, o estatismo, que tem a pretensão de resolver estes problemas de idiotas, há várias décadas vive repetindo o mesmo refrão demagógico: criação de trabalho, geração de empregos, enquanto o sistema tem justamente o objetivo de reduzir o trabalho de produção. Não parece mesmo que vivemos num mundo de loucos? Há 2.000, talvez 5.000 anos ou mais na genealogia de nossa economia, os homens basearam a economia sobre a escassez dos produtos para dar-lhes o valor, como já dissemos. Naqueles tempos os produtos podiam ser efetivamente raros, mas e agora? Não seria este o momento psicológico para constatar que há algo errado?

Por que os competentes economistas políticos (se de fato são homens de tal ciência) não formulam um sistema baseado sobre a abundância dos produtos, das mercadorias, de toda espécie de riquezas para a satisfação de todas as necessidades humanas para todos os homens sobre a face da terra, e não em benefício de alguns privilegiados?

Mas ai está: os lucros desmesurados dos exploradores, donos do dinheiro, capitalistas desapareceriam então. Eis o fator psicológico contrário, na atualidade: o capitalismo, ao que se diz, é a solução para a produção! Enquanto isto ele felizmente está entrando em colapso; enquanto isto, nós, a anarquia, detemos a

solução, que sem dúvida existe desde os mais de 5.000 anos atrás já citados, quando os homens não tinham outra solução a não ser agir em conformidade com a natureza humana. Por isto para nós é fácil esboçar e sem dúvida seria fácil fazer funcionar uma estrutura anarquista moderna. Seria fácil enfrentar "o horror econômico".

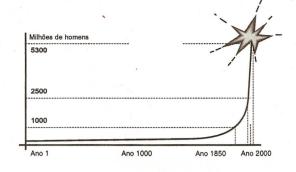
### ESBOÇO PARA UMA ESTRUTURA ANARQUISTA

Para compreender o presente esboço deve-se primeiro não esquecer nossa origem real, o que é, aliás, o fator psicológico fundamental para o entendimento, a aceitação e a construção de tal estrutura; estou falando da terra, nossa fonte de vida. Conseqüentemente não vou dizer nenhuma novidade, pois a estrutura na terra foi esta estrutura que sempre existiu mas que foi irracionalmente quebrada primeiro pelos sistemas imperialistas com religiões ou governantes estatais, e em segundo lugar pela revolução industrial entre outras formas de exploração humana, o que levou aos absurdos, aos comportamentos irracionais e demais desequilíbrios para os indivíduos e a sociedade.

#### ALGUNS ABSURDOS

Um dos maiores erros cometidos ultimamente pelos homens foi o de negligenciar a terra e considerar a indústria a principal fonte de progresso. Faz um século que os homens se voltaram para a indústria, como se todas as riquezas se originassem ali. É fácil ver que as principais coisas que satisfazem as necessidades não provêm da indústria, e sim da terra, do campo. A indústria é um campo de atividades importante mas apenas acessório, vindo em auxílio justamente da ação junto à terra, ao produzir ferramentas, máquinas e outros implementos agrícolas. De maneira alguma devia-se ter encarado a indústria como a atividade mais importante. Foi isto, por sinal, que provocou a famosa migração do campo para as cidades gigantescas, com graves consequências para o equilíbrio humano, em que os mais absurdos comportamentos e condutas apareceram, totalmente inadequados à natureza humana: traumas psíquicos com crimes, drogas, desemprego, males terríveis de estrutura em razão de tráfego, circulação, abastecimento em alimentos, tratamento de lixo e esgoto, etc. Por causa do gigantismo, a estrutura para educação e saneamento básico é deficiente, tanto quanto todos os serviços coletivos públicos. Fora da terra, os homens tornaram-se estrangeiros em seu próprio meio ambiente.

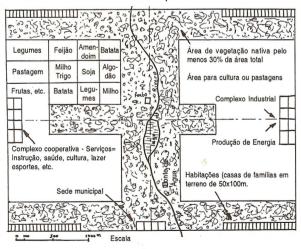
#### EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA



Nessas gigantescas metrópoles de miséria, aparecem as conseqüências da explosão demográfica. A explosão demográfica é uma conseqüência direta e um dos exemplos mais destrutivos da aplicação irracional de tecnologia na indústria. Produziu-se remédios, medicamentos que evitavam a morte rápida, por doença, dos homens mas por causa das bíblias do obscurantismo os homens não querem prevenir o nascimento excessivo de bebês. Ocasiona-se assim o desequilíbrio ecológico, que é passível de levar rapidamente à destruição final da vida sobre a terra, como bem sabemos. Nós, os anarquistas, devemos enfrentar com urgência este problema e intervir por todos os meios em nosso poder. Da mesma maneira, na estrutura que nós analisamos, a ecologia permanece em primeiro lugar para resgatar o equilíbrio entre o indivíduo, a sociedade e nosso meio ambiente.

Esquema para assentamento na terra

Município com 80 famílias em 4 aldeias (± 500 homens)



Como já foi dito, não precisamos inventar nada, o esquema acima é aquele que sempre existiu: um vilarejo onde os homens tinham suas atividades. Nesta espécie de municipalidade pode-se estabelecer a vida humana também com indústrias, serviços, etc., de acordo com o molde moderno. O mais importante

é reservar pelo menos um terço da área total para a vegetação original, o que infalivelmente irá restaurar o equilíbrio ecológico do todo, inclusive o ritmo meteorológico, climático, natural, sem a famosa desertificação. Para cada familia (de 5 a 7 pessoas, incluindo as crianças e os idosos), devemos prever uma só área de mais ou menos 50 m x 100 m (5.000 m²), o que garante independência e privacidade, evita a poluição humana e permite o cultivo de hortas e outras atividades agrícolas privativas segundo as escolhas de cada um. Sabemos, aliás, que com 2.500m² uma família poderia produzir toda a sua alimentação.

Lembro ao leitor que este caderno técnico é o resultado de minhas próprias experiências desenvolvidas na micro-propriedade Machu Picchu, e que para maiores detalhes basta consultar meu livro "Retorno a terra" pois não retomarei aqui senão o essencial de seu conteúdo.

Depois do quadro familial, há a organização cooperante para a produção, quer em pequenos complexos industriais, quer na própria agricultura. A cultura é organizada em alternância para evitar uma quebra de equilíbrio, principalmente no que diz respeito às pragas, como a reprodução maciça de insetos.

Para cada aldeia será prevista a geração de energia (a elétrica ainda é a mais conveniente), para proporcionar o maior conforto possível a todos. Todos os sistemas de serviços, instrução, distração, saneamento são instalados e postos em funcionamento conforme a decisão dos moradores. Também num esquema de "artístas" podem funcionar, segundo as capacidades de cada um, ateliês de trabalhos manuais, enquanto a produção efetiva fica evidentemente o quanto mais possível entregue às máquinas, robôs, autômatos. Arte não significa atividade penosa. Para além da cibernética pode perdurar a grande característica humana, virtude, ser capaz de criar, fazer, graças a esta capacidade indestrutível que cada um de nós possui através de nossa mente e nossas mãos.

Vale mencionar que, como sempre acontecia, os vilarejos se instalam perto de pontos de água. O uso cuidadoso da água é evidentemente fundamental para a vida na terra.

Em nosso esquema mencionamos 80 famílias; é claro que poderia haver mais, ou então menos, de acordo com as condições locais; não devemos, porém, esquecer que segundo o estado atual da explosão demográfica cada homem sobre a face da terra dispõe de apenas 1,7 ha(hectare) O que, entretanto, é melhor que um pedaço de céu numa cidade grande, num arranha-céu com 8 pessoas por m², como em Copacabana no Rio de Janeiro.

### A NOVA ORDEM

A ordem social mais espontânea é a da família. Sabemos que a família é a única célula social autêntica em razão da própria continuação de nossa espécie,

<sup>1 - &</sup>quot;Al la tero returne" - As experiências Machu Picchu estão em apêndice nesta edição.

logo ela é um exemplo para a ordem social. Sabemos também que hoje em dia os contratos de família são rapidamente quebrados mas é fácil constatar que se trata de uma anomalia resultante da confusão geral que acomete a evolução de nossas sociedades. A ordem familial, racionalmente, deve prosseguir. As tentativas de "criar" nossos filhotes em quase-estábulos coletivos para animais fracassaram.

Como já vimos, depois da familial, vem a ordem cooperativa, onde todos podem participar em proveito de todos e de cada um.

Na prática, a formação de uma cooperativa local acontece através de todos com a meta de produção e consumo para todos. Afinal, trata-se de uma organização que funciona como qualquer empresa de nosso mundo até hoje, só que o patrão são todos os participantes justamente em autogestão. As decisões são fáceis de tomar pelo fato de não existir outros interesses que não os comuns a todos. Evidentemente por causa da pluralidade humana podem existir algumas discordâncias que se pode resolver de modo totalmente técnico. Por exemplo, se uns querem fabricar bicicletas e outros autopeças, basta analisar os fatores econômicos do mercado (não esqueçam: um mercado que não leva em consideração os preços, os lucros, mas apenas as necessidades humanas) em que se encontra a maior procura. Também pela avaliação das capacidades locais decide-se sobre a produção, tanto mais que outro vilarejo ou município, vizinho ou distante, talvez fabrique tal ou qual produto com condições de intercâmbio mais vantajosas. Não vamos esquecer a indispensável aplicação de concorrência real também na anarquia! Aliás não há outra alternativa.

A autoridade municipal (local) são os próprios cooperadores, que articulam uma comissão de supervisão, de controle das atividades. Os membros desta comissão são eventualmente eleitos mas todos os cooperadores assumem por rodízio certas responsabilidades segundo sua competência, capacidade, experiência para um desempenho eficiente e nunca, de maneira nenhuma, recebem vantagens por isto de modo que os privilégios ficam excluídos. Caso aparecessem, a estrutura de pequeno porte logo faria com que fossem detectados.

Os controles de produção e distribuição são muito fáceis graças aos famosos recursos da informática, como computadores e similares... Cada qual traga seus produtos, mercadorias, para receber em compensação outras mercadorias, ou sirva na atividade geral para conseguir outros serviços. Na nova ordem, os sistemas serão pequenos, deverão necessariamente permanecer pequenos, justamente para possibilitar o autocontrole de cada um sobre todos, da parte sobre o todo. É a descentralização máxima, mas em plena inter-cooperação, que levará ao sucesso definitivo da ordem anarquista. A liberdade será completa segundo a definição que já demos, pois o indivíduo deverá fazer aquilo de que ele precisará por meio daquilo que ele terá, no próprio local, e isto será válido para todos.

Numa tal estrutura, dentro de tal ordem, vê-se logo que ninguém pode escapar do autocontrole. O preguiçoso, o ladrão, o falso logo aparecem, são logo julgados por todos, sem polícia, sem guardas, sem advogados. Os especuladores não terão oportunidade de especular pois não haverá mais dinheiro, negócios, bolsas, cartéis, trustes ou outras formas de monopolização. Tais atividades não são concebíveis nem aceitáveis na anarquia, assim elas não poderão ser efetivadas, não mais existirão os fatores psicológicos de exploração humana. Em vez disto tudo nós felizmente teremos a aplicação espontânea e natural da grande ajuda mútua que existe em estado latente dentro de cada um de nós. As condutas e comportamentos edificantes, honestos, sinceros, inerentes ao homem, devem superar nesta nova ordem as más qualidades do indivíduo, justamente porque o indivíduo se sobressai e não pode se camuflar na multidão. Não se trata de uma ordem ingênua nascida de fantasias, todos os seus fatores são analisáveis e constatáveis neste tipo de pequenas estruturas. O fracasso não provém de ingenuidade e sim do contágio da desordem externa em vigor. Temos que acrescentar que nesta nova ordem instâncias superiores de governo como o estado ou algo parecido não terão lugar nem razão de ser, justificativa, pelo simples fato de que todos e cada qual rege a si mesmo. Trata-se da autêntica democracia.

Para aqueles que ainda não perceberam a viabilidade desta ordem (e pensam que estou falando de coisas utópicas, ridículas e ingênuas), eu recomendo os estudos de antropólogos, ou uma simples visita a pequenos vilarejos, quer em países civilizados, quer em aldeias de índios "selvagens" ou outras tribos. Nestes núcleos é fácil constatar que um estado com leis, policiais, advogados, juizes, vendedores, compradores, bancos, cartórios, etc e tal, não existe pelo simples fato de que tudo isto seria absolutamente inútil. Existem, sim, homens que devem cumprir seus "deveres" (sem direitos) ou morrer. Existem pequenas sociedades que se ajudam mutuamente para viver de modo autônomo, no autocontrole, na autodisciplina, no respeito, porque não poderia ser de outra maneira. Outras maneiras existem só na falsa ordem social de ajuntamentos humanos com milhões e milhões de indivíduos embrutecidos que perderam sua própria individualidade, que são instrumentos dos sistemas desumanos de nossas atuais desordens.

## EXEMPLOS PRÁTICOS

#### - DE INVESTIMENTO.

Quando se fala da nova ordem, por causa do contágio da ordem capitalista, logo se pergunta como fazer para realizar os investimentos públicos, por exemplo, para gerar energia, canalizar águas, construir estradas, pontes, etc.

Como explicamos, o investimento é um trabalho extra com relação ao

trabalho normal que tem por objetivo satisfazer as necessidades básicas do homem. Este trabalho extra evidentemente visa a melhorar a infra-estrutura para uma produção mais eficiente. Os municípios com seus respectivos cooperadores e cooperativas encontrarão, acredito que facilmente (dentro da livre iniciativa que apresentamos), o pessoal gabaritado, os altos especialistas e as simples forças de trabalho, para realizar estas tarefas de investimento... Não se tratará mais de arranjos de capitalistas, de quantias de dinheiro astronômicas, mas de simples produção extra através do trabalho de máquinas e equipamentos segundo as necessidades. Enquanto isto, no sistema de produção, a cooperativa bem simplesmente, sem grande esforço, estará apta a uma produção extra das necessidades vitais para satisfazer aos homens que estarão agindo na produção ligada aos investimentos.

Aliás este esquema não é novo. Não foi assim que as pirâmides do Egito, as igrejas dos cleros, e similares, foram construidas? Evidentemente agora o investimento ocorrerá sem escravidão humana, sem servidão, sem exploração, num procedimento, pelo contrário natural.

#### - DE CONTRATOS EVENTUAIS.

O que é um contrato ? Um contrato é um acordo entre homens ou entre grupos de homens, um pacto para fazer, realizar, alguma coisa ou para uma ação interativa. Esta combinação, este acordo, costuma acontecer de homem para homem e eu acredito que entre homens normalmente, medianamente honestos tais tratos, contratos, poderiam ser feitos verbalmente, tanto mais que documentos assinados adicionais em geral de nada adiantam mesmo em nossas ordens cheias de processos judiciais, juízes e advogados. Evidentemente, para evitar "esquecimentos", os contratos poderiam ser registrados nas sedes municipais sob o controle dos próprios cooperadores para garantir seu cumprimento. Como já demonstramos, a estrutura anarquista é autocontrolada, logo os indivíduos que faltam ao compromisso assumido não podem escapar à evidência de eventuais delitos.

O contrato por escrito torna-se assim desnecessário.

## - DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E APOSENTADORIA.

O grande argumento para justificar a existência do estado é que somente uma instituição coletiva, estatal, consegue organizar a educação, instrução, a saúde pública e a aposentadoria dos homens na sociedade. De fato, estes setores funcionavam em parte e satisfatoriamente sob o controle estatal nos países desenvolvidos até há pouco tempo. Nós todos sabemos que tais cuidados os estados não conseguiram assegurar nos territórios do Terceiro Mundo, enquanto nos estados capitalistas evoluídos o todo atualmente também está começando a entrar em falência.

Nós, na anarquia, sabemos que a educação, a saúde e a aposentadoria dos homens é o fator básico de ajuda mútua, que aparece no seio da família e espontaneamente no âmbito da cooperação. O principio é simples, lógico, evidente: os homens que constituem a mão-de-obra ativa, capacitada, produzem por aqueles que ainda não ou não mais podem trabalhar e alcançar sua autonomia na vida. Não podemos aceitar que as crianças numa família não recebam cuidados, educação. O fenômeno "crianças de rua" do Terceiro Mundo na nossa desordem social atual é uma aberração inconcebível na anarquia, é um crime, uma vergonha para o homem. O mesmo se dá com os asilos miseráveis para os idosos, que não recebem atenção nem mesmo do estado. Evidentemente numa estrutura familial, num sistema cooperativo, nada disto pode acontecer... aliás sem sacrifícios, sem atividades trabalhosas por parte de qualquer um dos participantes, pois não existem outros interesses a não ser o bem-estar de todos e de cada um.

## RESUMO DOS FATORES PSICOLÓGICOS DE VIABILIDADE PARA A ORDEM SOCIAL ANARQUISTA

- Antes do aparecimento do "estado de civilizado" que conduziu à organização artificial (não natural) de grupos humanos sob a influência de doutrinas religiosas ou estados, os homens agiam de modo autônomo, de livre e espontânea vontade, segundo os princípios anarquistas, em seu meio ambiente, a natureza
- Contrariamente às crenças introduzidas nos últimos séculos, o homem não é um ser vivo "de caráter coletivo" entretanto ele possui um certo grau de sociabilidade (tendência ao agrupamento) que conduz a uma ajuda mútua construtiva.
- Esta ajuda mútua permite a ação em cooperação através da aplicação do cumprimento do dever individual e autônomo para a subsistência. O fator "dever" vem antes do suposto "direito".
- Esta cooperação permite também, pelo uso dos recursos tecnológicos de que nós dispomos atualmente (máquinas, robôs, computadores, processos, etc), não somente a plena satisfação de nossas necessidades, mas também a construção do conforto desejado para todos: o paraíso, o Éden, o Eldorado tão sonhados. Trata-se dos fatores atuais de efetivação.
- Infelizmente os erros cometidos pelos homens nas ordens sociais destes últimos 2.000 anos, o que conduziu ao domínio de déspotas e estados, produziu explorações, escravidão entre grupos humanos. São estes sistemas de exploração

que nós conscientemente temos que eliminar.

- Esta eliminação, justamente, tem que ser conforme com a natureza humana e acontecer por meio da instrução, educação, tomada de conhecimento para além das influências sociais de manipulação, de condicionamento por religiões, doutrinas, dogmas dos estados, sistemas nascidos da falsa economia política e que destroem a economia natural, etc.
- Porque a ação econômica visa à satisfação das necessidades humanas, a estrutura econômica deve estar direcionada para uma abundância de produção. A estrutura baseada na escassez, típica dos sistemas especulativos como o capitalismo, deve ser substituída pois não condiz com a meta econômica, mesmo que pertença às tradições e costumes.
- O mau uso de tecnologia também conduziu a outras anomalias, alienações, traumas psíquicos. A formação de cidades absurdamente extensas, a explosão demográfica irracional, o desemprego no âmbito de um sistema de capitalismo financeiro-especulativo ridículo são alguns dos exemplos de tais maus usos.
- A correção das anomalias pode ser conseguida através de uma volta ao meio ambiente natural, a terra, graças à livre iniciativa e à autogestão na produção bem como por meio do controle da natalidade para deter o crescimento perigosíssimo da demografia.
- A própria produção não deve ocorrer de maneira centralizada, mas em pequenas propriedades, cooperativas, em que todos os indivíduos e cada um, que são sem exceção participantes, podem controlar e acompanhar seu funcionamento. Isto evita a exploração, o nepotismo, a corrupção, a especulação, o parasitismo. Além disto, o fenômeno "desemprego" torna-se inviável.
- É óbvio que todos estes fatores são antropologica, psicologica e sociologicamente perfeitamente analisáveis, compreensíveis: assim sendo, eles são também passíveis de serem modificados, adaptados, melhorados... mas nos sistemas vigentes os homens psicologica, sociologica, antropologicamente não querem fazer isto em razão dos condicionamentos e em nome das tradições, costumes e similares, o que pode ser conformista mas não conforme a natureza humana.

Todos os fatores psicológicos de efetivação estão claramente contidos aí.

Escrito em 1.994 com revisão em 1996-1997

# **APÊNDICE**

### MACHU PICCHU - Campo de experimentação.

Qualquer um pode ser operário, funcionário, e muitos podem ser missionários, mas tornarse empresário é muito difícil.\*\*

#### ROBERTO CAMPOS (economista)

Acredito que eu não teria tido a coragem de escrever o livro O retorno a terra (\*)se eu efetivamente não tivesse realizado o experimento "Machu Picchu".

É esse experimento que me deu a certeza da possibilidade de se regressar ao campo, à terra, à fonte da vida, para solucionar os problemas individuais e sociais dentro dos padrões de ação humana e sem destruição do meio ambiente.

É esse experimento, com suas diversas tentativas (e sem a necessária dose de experiência e conhecimentos prévios), que me permite dizer que o retorno à terra poderia ser uma solução para o reequilíbrio da nossa vida, sem a alienação e os absurdos atualmente vigentes. O retorno à terra poderia ser uma realidade para além da utopia.

É, também esse experimento que me mostrou o quanto é verdadeira a citação acima, segundo a qual não é tão difícil tornar-se operário, e também é fácil ser missionário, pregando, por exemplo, como os esperantistas, o humanitarismo e doutrinas similares, mas empreender, pôr em prática o ideal, é algo totalmente diferente: pois trata-se da ação, que vai além do simples abstrato. E quanto mais "ideal" for o empreendimento, mais difícil ele há de ser. Eu próprio, por exemplo, na minha atividade de industrial, muito empreendi, sem passar por maiores dificuldades já que me mantive no âmbito dos procedimentos habituais. Já o experimento Machu Picchu foi algo totalmente diferente justamente por ter minha atuação fugido dos sistemas, normas e usos correntes.

## Seguindo o exemplo dos incas

Foi quando visitei o Peru, e em especial a cidade de Cuzco e Machu Picchu, que eu entendi a força da civilização incaica frente aos destrutivos (para os

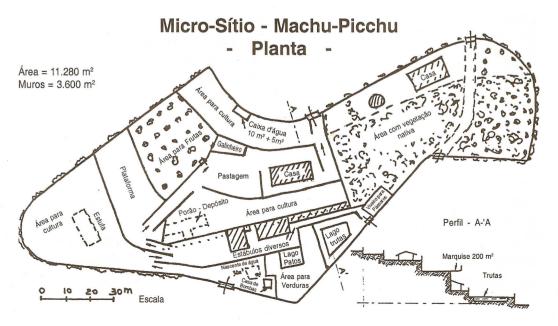
<sup>(\*)</sup> LEDON, Gilbert R. - Al la tero returne, ed. do autor, 1992 (Original em esperanto). Este apêndice é um capítulo extraido deste livro.

(\*\*) Empresários, fora do capitalismo especulativo globalizado, bem entendido.

incas) valores civilizados dos civilizadores espanhóis. Não há dúvida que Machu Picchu foi o refúgio dos incas numa montanha particularmente inóspita, e foi então que minha mente recebeu um choque, quando comparei meu empreendimento de fuga, de refúgio em Campos do Jordão ao Machu Picchu dos incas. E decidi dar o nome de "Machu Picchu" a minha pequena propriedade em razão desta analogia.

Desde 1972 eu possuía uma casa para descansar neste lugar privilegiado que é Campos do Jordão, a 1700 m de altitude e com um microclima particularmente agradável, apesar de um pouco frio. Esta casa ficava (e ainda fica) escondida em meio a uma vegetação selvagem, que entretanto não pertencia inteiramente a minha área, de modo que eu rapidamente comprei os terrenos adjacentes pensando na preservação da natureza. Enquanto isso, eu ia sonhando com os terrenos vizinhos, situados num grande declive onde crescia um capim ralo no solo de saibro. Eu pensei nos incas, que tornaram produtivas suas montanhas! Pouco a pouco fui comprando estes terrenos próximos, enquanto em minha mente ia se configurando um plano de louco: fazer com que estes 11.280 m² dessem frutos dentro de um equilíbrio ecológico... já existia uma vegetação selvagem e natural, há sol, há nascentes de água; o resto, a mão do homem, pelo trabalho, consegue fazer. Eis o empreendimento!

## A construção anticapitalista



Em 1983 comecei os trabalhos... Todos riam de mim, de meu plano maluco e, ao que diziam, irrealizável. Evidentemente, pus em prática meus conhecimentos de engenheiro e da loucura resultou que durante mais de 6 anos nós construímos 3.600 m<sup>2</sup> de muros para servir de escora a 10.000 m<sup>3</sup> de terra, de saibro, que as máquinas de terraplanagem empurravam de cá para lá até o lugar apropriado junto às muralhas, cuja altura variava de 2 ou 4m até 8m. Usamos 48 toneladas de ferro, 7.000 sacos de cimento, 47.000 blocos de cimento de 20 x 40 cm, sem falar na pedra britada e na areia do concreto! Ali, durante estes 6 anos, de 4 a 5 famílias tiveram uma fonte de remuneração para sua subsistência. Ali, segundo o ponto de vista do capitalismo enquanto especulação financeira, nós, de maneira inútil e antilucrativa, enterramos uma fortuna. Ali, de acordo com o capitalismo enquanto regime social que privilegia os sistemas de produção, o trabalho, - e neste prisma a quantidade de trabalho investida não é de fundamental importância - nós construímos, criamos um aparelho de produção. Isto, certa vez, foi o que me disse alguém que casualmente por ali passava; olhando para tudo aquilo, ele achou que o empreendimento oferecia oportunidades de trabalho, possibilidades de se obter meios de subsistência... o que é muito melhor que os juros parasitas das especulações financeiras. Naquele dia fiquei muito feliz, já que pelo menos um indivíduo anonimamente entendeu a essência desta minha ação. O dinheiro uma vez mais representou potencialmente o trabalho, contudo não é o dinheiro que importa, e sim o trabalho. É o trabalho que construiu os muros, que trouxe as plataformas aproveitáveis e planas ao terreno em declive inutilizável.. Consequentemente é o trabalho que constrói, não o dinheiro.

Evidentemente todas as pessoas normais raciocinam de acordo com o capitalismo especulativo: 250.000 dólares com juros de 10% ao ano dão um lucro de 25.000 dólares... o que permite ir vivendo sem ter que trabalhar em nada. Só que mais trabalhadores terão que produzir o equivalente daqueles juros de 25.000 dólares, dinheiro parasita do capitalismo especulativo, e isto é uma pura e simples exploração do homem pelo homem, que minha consciência se recusa a praticar.

E nós construímos cisternas de água potável e água para irrigação, nós instalamos bombas e tubos que conduziam as águas para toda parte. Nós conscienciosamente construímos canaletas para recolher e escoar as águas pluviais de modo a evitar a erosão, e um laguinho para os patos, e outro para as trutas, e sobre as plataformas de tufo com mais de 6.000 m2 nós espalhamos uma camada de 20 a 30 cm de humo, trazido por caminhões em mais de 500 carregamentos! No topo de uma muralha, cuja estética me desagradava, mandei construir ao longo do paredão um terraço de concreto com 3 m de largura e 65 m de comprimento, de modo que surgiu um jardim suspenso de fazer inveja ao

da Babilônia... É que, de fato, mais além da fantasia, mais além do capitalismo especulativo, o trabalho juntamente com o conhecimento humano é capaz de construir qualquer coisa... e não existem limites para eventual melhoria da vida dos homens; as limitações ficam na especulação do capitalismo financeiro e na falta de iniciativa humana.

## O funcionamento da micropropriedade

O objetivo da pequena propriedade, como já foi dito, era, antes de tudo, experimental, e consistia em testar a viabilidade de um retorno à terra mesmo em circunstâncias as mais adversas possíveis, como num terreno inclinado e infértil. Como acabamos de ver, as condições desfavoráveis podem ser superadas pela tecnologia do conhecimento humano, construindo-se as infra-estruturas necessárias. No caso específico desta propriedade, que está situada num local privilegiado, as plataformas, depois de terem sido usadas para a lavoura durante a experiência de auto-suficiência, podem vir a ser reaproveitadas no âmbito do sistema capitalista normal para a construção de moradias...

Dos 11.280 m², nós usamos 1.000 m² para 3 casas e instalações diversas, incluindo galpões para a criação de animais. Com vistas à preservação da natureza, nós mantivemos a vegetação original com suas belas araucárias, algumas com mais de 100 anos de idade e cobrindo cerca de 3.000 m²; aproximadamente 1.000 m² adicionais foram plantados com árvores frutíferas e capim, onde aliás as galinhas (mais ou menos 50) que criamos circulam livremente e comem capim e insetos para enriquecer os ovos. Sobram então pouco mais de 4.000 m² (horizontalmente) para o cultivo. Eu disse "horizontalmente", já que verticalmente, ao longo dos paredões, nós plantamos, além das heras que escondem o concreto, os famosos pés de chuchu, os de kiwi e outras plantas trepadeiras. Na parte superior das muralhas, nós formamos facilmente cercas vivas com os mais variados arbustos, quer ornamentais, como as roseiras, quer frutíferos, como os pés de framboesa e amora . Tudo isto possibilita o preparo de geléias e doces de fruta.

Quanto ao cultivo da terra, muitas tentativas tiveram que ser feitas em razão de não ter havido entre nós nenhum especialista... tanto mais que de acordo com a crença local, ali nada dá. Por isso nós tivemos que descobrir sozinhos que ali quase tudo dá... em se plantando! É óbvio que por causa do clima de montanha, onde há geada no inverno, nós tivemos que evitar as plantas tropicais por demais sensíveis. Em compensação muitos vegetais de procedência européia se adaptam bastante bem quando se consegue reproduzir condições de vida semelhantes às de origem. Obtivemos, por exemplo, bons resultados com o

feijão do tipo "flageolet" cultivado na França e com a beterraba, mas as aveleiras se recusam a dar as flores masculinas ao mesmo tempo que as femininas, as cerejeiras vegetam porque não invernam e eu tive que desistir da fabricação do cassis, licor francês produzido com os frutos da groselheira preta, pois os pés que eu plantei ainda não resolveram crescer.

O grande problema é sempre o da energia, que é difícil de se conseguir numa propriedade tão pequena, sem quedas-d'água e com pouco vento. Restaram, é claro, os aquecedores solares para a água quente; nós também procuramos pôr em funcionamento um biodigestor que, de fato, poderia produzir, além de um excelente adubo, gás, a partir dos excrementos de tudo que existisse de vivo na propriedade. Infelizmente, para um bom funcionamento, a temperatura no biodigestor deve ser mantida entre 25 e 30° C, sendo que a temperatura local é muito mais baixa (± 15°C); assim, na prática, nós gastávamos para aquecê-lo mais energia do que aquela que o biodigestor produzia. Tivemos que desistir, mas tecnicamente o experimento foi de grande valia. O biodigestor seria uma solução racional para o reaproveitamento do lixo orgânico e dos excrementos dos centros urbanos.

## Alcançando a auto-suficiência

Como já foi analisado, para que se atinja a auto-suficiência seria necessário que se produzisse tudo quanto é indispensável para a subsistência, o que é obviamente impossível numa propriedade tão pequena, ou que a produção fosse suficiente para o equilíbrio econômico através do intercâmbio com o mundo externo, fora dos limites da micro-propriedade. Essa última solução ainda é inviável na prática pelo fato de que os valores de produção no campo não correspondem aos valores estabelecidos pelo nosso mundo capitalista. Nas pequenas propriedades, de modo algum o valor do produto chega a corresponder até mesmo ao valor de um salário baixo... Por isso os poucos trabalhadores que estavam empregados em Machu Picchu e que recebiam salário, não queriam consumir sua própria produção... Eles preferiam comprar tudo nas lojas com o mais alto salário possível exigido pela luta de classes! Talvez seja difícil de acreditar que isto possa acontecer, mas assim é. Os sistemas baseados no dinheiro corrompem profundamente o ser humano preguiçoso até a destruição dos valores. Trabalho e produto não têm mais qualquer ligação no nosso mundo absurdo, pois o valor de um não corresponde mais ao valor do outro.\*

Entretanto, se formos calcular a energia dos produtos (se já não há mais relação ou valor entre o produto em si e o instrumento de troca, o dinheiro, não há outra alternativa a não ser considerar a energia!), constatamos o quão

<sup>\*</sup> Nota: Diante dos "Sem Terra", cheguei a oferecer, sem onus, este instrumento de produção (propriedade) a umas 10 famílias... todos recusaram!

rapidamente pode-se alcançar a auto-suficiência em 2.500 m² ou menos, como fizeram os chineses por família. Até agora a micro-propriedade Machu Picchu não foi plenamente explorada e mesmo assim já se conseguiu produzir 19.630 calorias por dia; se calcularmos que por dia e por pessoa 2.500 calorias são suficientes, isto significa que nós já conseguimos alimentar 8 pessoas... e uma família de 4 pessoas normalmente ativas, que não almejariam trabalhar por um salário e sim por produtos, poderia facilmente cuidar do bom funcionamento da propriedade.

Passo agora a apresentar a produção anual dos principais gêneros alimentícios e seu equivalente calórico aproximado, segundo a tabela de Sherma König.

#### PRODUÇÃO ANUAL

**CALORIAS** 

*	2.000 kg de batatas (na realidade produzimos o dobro, que nós
	usamos para alimentar os animais, tais como porcos)
*	500 kg de chuchus (seria possível produzir três vezes mais) 200.000
*	1.000 kg de legumes diversos, tais como várias espécies de
	couve, pepinos, rábanos, cenouras, tomates, espinafre, etc
	(Na realidade mais do que o dobro foi produzido e usado
	para a criação ou colhido sem controle.)
*	30 kg de feijão
*	200 kg de cebolas
*	200 kg de frutas diversas: pêssegos, kiwis, framboesas,
	marmelos, etc
*	30 kg de mel (em apenas 2 colméias, onde as pobres abelhas
	trabalharam sem cuidados humanos)
*	200 kg de carne suína com teor de gordura médio
*	50 kg de gordura suína (banha)
*	150 kg de carne ovina e caprina
*	80 kg de trutas (poderíamos produzir muito mais)
*	250 kg de carne de coelho, pato e galinha

TOTAL

4.136.000

Ou seja, por dia......11.330 cal.

+ 10 litros de leite............ 6.100 cal.

+ 1,5 kg de ovos ...... 2.200 cal.

TOTAL ...... 19.630 cal. - isto é energia para 8 pessoas adultas.

Para complementar o valor nutritivo dos alimentos, para os animais eu freqüentemente comprava forragem, mas com um aproveitamento verdadeiramente racional do potencial de rentabilidade isto não seria necessário. De fato, nós não exploramos plenamente a possibilidade de se obter 2 ou 3 colheitas por ano, a semeadura de milho e plantas forrageiras não foi feita de maneira totalmente racional e o solo não atingiu um nível de produtividade satisfatório... por falta de mão-de-obra realmente qualificada. As folhas de couve nem sempre davam com força máxima, tanto mais que eram atacadas pelos pulgões assim que eles sentiam sua debilidade; a produção de batatas era igualmente bastante irregular, assim como a de cenouras, tomates, alcachofras, etc... sempre em razão da falta de uma mão-de-obra capacitada sob todos os pontos de vista... Não é nada fácil fazer uma pata chocar seus ovos, não é nada fácil evitar completamente doenças nos filhotes de coelho, inflamações nas tetas das vacas, parasitas nos caracóis...

Em compensação, que prazer não se sente ao ver tudo crescer, nascer, desenvolver-se neste suado trabalho da natureza, onde todas as seivas vitais se misturam para nos transmitir vida em toda sua força. Isto tudo chega a ser sem dúvida uma ação quase cruel... e pode-se entender facilmente as emoções dos vegetarianos que só reparam no sangue vermelho dos porcos e absolutamente não notam o sangue branco dos pés de alface... Assim é: os padrões de equivalência dos valores humanos sempre, em toda parte e de todas as maneiras se mantêm presentes. Do porco não se perde absolutamente nada, desde o focinho até o rabo, para preparar-se desde a morcela até o toicinho... isso sem falar dos patês de fígado, e dos presuntos, dos joelhos de porco com chucrute, das costeletas! Sob os trópicos, se você não dispõe de castanhas, é só usar batata doce para fazer sua morcela: o gosto é o mesmo... Pois, sim, tudo isto é um retorno à terra, à ação auto-suficiente, que eu voltei a experimentar com prazer... só para sentir novamente, mais ainda: para ter a certeza, que morrer de fome é vergonha para o homem...

Eu falei do leite somente levando em consideração o aspecto calórico, mas quantos não são os apetitosos produtos que se pode obter através do leite: o creme em si, e a manteiga, e os 360 tipos de queijo dos franceses!... Evidentemente, a produção de tantos queijos em climas subtropicais é um desafio, já que faltam as técnicas apropriadas... os conhecimentos! Mas será que no clima reinante no campo a simples ricota já não satifaz plenamente, se for o caso acompanhada de um pouco de creme, um pouco de alho? No trabalho da terra, que transcende a industrialização, a fantasia transmite a força natural da vida colhida em sua própria fonte. Os produtos são levados aos pontos de produção mais favoráveis, segundo os gostos, as preferências, em nossos

desejos... e não segundo o ponto de vista da maior lucratividade possível.. Eu fiz isto mais especialmente com a produção de carne... Que filés de peito de pato, que costeletas de cordeiro, que grelhados de frango não produzimos! E isto tudo é também a vantagem da auto-suficiência, da independência de uma produção desenvolvida segundo os próprios desejos, não visando lucro.

E pude divertir-me com a criação de caracóis (escargots), de faisões, de pombas brancas (... da paz!). E quanto tempo não passei no lazer não de pescar, mas de ficar olhando as trutas, enquanto saltavam à hora de sua janta! E as pinhas das araucárias, que caem sozinhas... é só recolher os pinhões! E os canteiros para os chás de todos os tipos que se possa imaginar: menta, erva-cidreira, camomila, erva-doce e dezenas de outras ervas mais, que eu nem vou citar por desconher seus nomes, seja lá em que língua for. Repito, tudo isto é vida, não é mais uma tarefa obrigatória onde se calcula com antecedência o salário, o lucro, com o relógio na mão! Será mesmo que os seres humanos não conseguem mais recuperar tais valores, os de uma atividade simples junto a sua fonte de vida, junto à terra? Será mesmo que os seres humanos preferem morrer de fome ?

# Considerações ecológicas destinadas aos "naturistas-teoristas"

O retorno à terra, no estágio atual de nossa evolução, com o problema da superpopulação, não poderá ocorrer sem o uso da razão e conseqüentemente sem o uso de todas as formas de tecnologia disponíveis. Somos nós, os usuários da tecnologia, que devemos avaliar, por meio de nossa capacidade de raciocínio, onde há alguma utilidade, algum valor ou não nestas tecnologias, onde fica a construção e onde a destruição. Isto deve acontecer exclusivamente por meio da razão e absolutamente não por meio de manifestações emotivas subjetivas, como vem ocorrendo ultimamente em teorias pseudo-ecológicas, nas atividades de amantes da natureza de gabinete, por trás de suas paredes de concreto, ou durante suas passeatas sobre as avenidas de asfalto das grandes cidades.

Eu confesso humildemente que em minha atuação em Machu Picchu tive frequentemente a tendência de acreditar nas teorias de gabinete dos tecnocratas. Felizmente a prática me obrigou a raciocinar de maneira mais profunda e ultrapassando as teorias simplistas. Faço aqui alusão a adubação pois esta questão se apresentou de forma aguda. Na pequena propriedade, como eu já disse, nós tivemos que "construir" um solo fértil sobre o saibro graças ao acréscimo de humo, de todos os elementos orgânicos e eventualmente de outros sais

indispensáveis ao crescimento das plantas. Em agronomia é muito fácil analisar o que é um solo fértil... e consequentemente é relativamente fácil corrigir, ajustar o solo até a obtenção de um determinado nível de fertilidade. É este ajuste que se faz por meio da fertilização, química ou não. Num solo de saibro, por exemplo, o fator ácido pH costuma ser alto demais, tornando-se então necessário acrescentar cal. Da mesma maneira, o humo (matéria puramente orgânica) não é suficiente para a nutrição dos vegetais. As plantas necessitam em especial de azoto (N), fosfato (P), potássio (K), cálcio (Ca), magnésio (Mg), enquanto que o alumínio (Al) em demasia é um veneno, e assim por diante. Estes elementos costumam existir em estrumes naturais (ramos e folhas apodrecidos + excrementos animais), porém frequentemente em quantidade insuficiente, e seu acréscimo por meio de adubos químicos de modo nenhum pode tornar-se um ato destrutivo. Trata-se de um ajuste racional, tecnológico, cuja condenação por parte de pseudo-teorias superficiais é ridícula. É evidente que esta linha de raciocínio não tem nada a ver com o raciocínio da monocultura que, esta sim, destrói o equilíbrio dos solos existentes. Nós tivemos que "construir" o solo.

Da mesma forma, o homem ainda não precisa praticar uma agricultura inteira e excessivamente artificial, como a daqueles agrônomos que produzem tomates, alface, ervilhas, etc por "hidroponia", um sistema em que todos os nutrientes são dissolvidos em água; assim sendo, não se usa mais terra mas musgos de plástico pendurados que são molhados com esta solução.

A condenação radical das estufas é também irracional, pois racional pode ser a criação de um microclima sob um telhado de plástico (ou de vidro) para facilitar o crescimento de certos vegetais. No sítio Machu Picchu os tomates, por exemplo, geralmente não conseguiam se desenvolver por causa de umidade excessiva ou de baixas temperaturas; no "cultivo sob plástico" (estufa) nós conseguimos belos frutos e uma grande produtividade sem que fossem aplicados tóxicos contra os fungos causadores do tão conhecido quanto temido míldio.

Já que falei do míldio, eu tenho que confessar que o problema não é simples. Nós, por exemplo, plantamos batatas em agosto, quando a umidade é bem baixa; assim, até a colheita em novembro não aparece nenhum fungo ou parasita. Quando plantamos as batatas na estação úmida (fevereiro), logo o míldio se apresenta e a aplicação de veneno contra os fungos torna-se inevitável... a menos que desistamos da produção - e aí não se trata de desequilíbrio ecológico e sim de fenômeno climático natural. Temos que tomar consciência que se os viticultores não aplicassem umas caldas bordalezas (sulfato de cobre venenoso) nas videiras, nós nunca comeríamos uvas nem tomaríamos vinho. É pois, necessário analisar todos esses problemas sem radicalismo e, uma vez mais, nós temos que aceitar os riscos.

A proteção cega à natureza é também muito relativa dentro da perspectiva do equilíbrio ecológico. Em nosso Machu Picchu, em nossa floresta virgem

(3.000 m²) evidentemente vivem serpentes, esquilos, muitos pássaros, corujas, etc mas há também ratos e gambás (que são, na América do Sul, como as raposas na Europa, freqüentadores habituais dos galinheiros) e o equilía io de fato não existe; não há dúvida que sem uma caça cuidadosa, ratos e gambás devorariam rapidamente as galinhas, os pombos,... e nós mesmos, sem dar a menor atenção aos discursos dos "naturistas teóricos".

## AFORISMOS LIBERTÁRIOS

- \* O homem é uma entidade, e por ser entidade ele deve ser auto-suficiente, independente e livre.
  - Só esta condição, aplicada a cada um e a todos, conduzirá à fraternidade.
- \* A vida, e portanto a morte, são inexplicáveis... e Deus é apenas uma palavra, diante do absurdo.
- \* Cada dia a ciência e a tecnologia apresentam evolução para o bem-estar do homem. Infelizmente, este mesmo homem insiste em conservar os mesmos princípios morais, as mesmas bíblias, como há 2.000 anos. Este abismo na evolução traz os desequilíbrios do nosso mundo atual.
- \* O maior mito, o mais moderno, o mais perigoso que o homem inventou é o mito: coletividade.
  - Os slogans atuais, tais como: direitos humanos, justiça social, bem da comunidade, são uma consequência do mito: coletividade.
- \* No coletivo, o homem reinvindica seus direitos para não cumprir com seus deveres.
  - O direito só tem fundamento no dever.
- \* Na natureza, o homem recebeu um único direito: o de viver. Todo o mais é dever.
- \* Dentro da natureza o homem que não cumpre com seu dever é absorvido pela mesma natureza: ele morre.
- \* No mito: coletividade, a instituição mais escravizadora, mais aviltante para o indivíduo é o Estado. O Estado é o monstro inútil que conseguiu mistificar todos nós.
- \* A lei dos homens é um dos artifícios do Estado para alienar e escravizar o homem como indivíduo, como entidade.

  No Estado, e pelas leis dos homens, o homem como indivíduo perde sua entidade, perde sua identidade e se torna um mero instrumento.
- \* Todos os princípios morais, religiosos e filosóficos, desde o cristianismo até o marxismo, trazem mensagens de idealismo.

Infelizmente nenhum destes princípios ideais conseguiu vingar na sociedade simplesmente porque os homens que compoem esta sociedade não são ideais: os homens estão submetidos aos sete (e aos demais) pecados capitais.

\* Só uma lei pode minimizar os pecados e a má índole do homem: é a lei da natureza.

A lei do mais forte só é perigosa para aqueles que não cumprem com seus deveres.

Na lei da natureza os pecadores felizmente se autodestroem.

- \* Pelas leis do Estado, pelas leis dos homens, pelas leis da sociedade coletivista é que, justamente, os grandes pecadores (que fazem as leis) destroem os homens cumpridores de seus deveres.
- Não há corrupção, nepotismo, favoritismo, exploração na natureza, onde cada um trata de cumprir seu dever para viver.
  Só há corrupção, nepotismo, etc, no coletivo, no Estado, onde cada um, em nome do direito e das leis, procura viver nas costas dos outros.
- \* Sim, "plantando, dá": é só plantar.
- \* Se rezar, votar e fazer greve fossem soluções, nossa sociedade já estaria perfeita.
- \* Existem dois capitalismos: o capitalismo do trabalho (o da anarquia)
   o capitalismo do dinheiro (o especulativo)

O primeiro constrói.

O segundo destrói.

- \* O capitalismo do dinheiro conseguiu deturpar o próprio dinheiro, transformando-o, de um simples instrumento de troca, em mercadoria aviltante.
- \* É mais fácil pedir do que dar.

É mais fácil rezar do que atuar.

É mais fácil pedir esmola do que trabalhar.

É mais fácil destruir do que construir

Abril 1998

O capitalismo na globalização da economia está atingindo seu colapso com a conseqüente convulsão social e desemprego. Estamos numa encruzilhada, ficar marginalizado neste "horror econômico" numa escravidão medieval e fascista na miséria absoluta ou reconstruir uma ordem social conforme com a natureza humana: a anarquia. É nosso dever preparar a estrutura para a autogestão e a autosuficiência. Esta brochura apresenta fatores e exemplos para a realização desta nova ordem.

# Digitalizado e socializado pelo Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí (GEAPI)



http://anarquistas-pi.blogspot.com

**ANARQUIA É LUTA!**